

CAMPO

ISSN 2178-5781

Ano XXV | 373 | Setembro 2026



Raio-X do confinamento

Expedição PeseBem revela os desafios da pecuária intensiva em Goiás

Avicultura

Mercado aquecido
amplia oportunidades
para diferentes perfis
de produtores



FAEG
SENAR
IFAG
SINDICATO RURAL

Feijão

Tecnologia e irrigação
elevam produtividade,
mas rentabilidade
desafia produtores

ATENÇÃO, PRODUTOR!

O EL NIÑO

PODE MUDAR O

RUMO DA SAFRA

PREPARE O SOLO PARA ENFRENTAR
OS DESAFIOS DO CLIMA:

Curso Sistema
de Plantio Direto

Curso Fertilidade
do Solo e Adubação

EAD.SENARGO.ORG.BR



Matricule-se agora:

Palavra do Presidente

Conhecimento para transformar desafios em oportunidades

O campo goiano vive um momento de profundas transformações. Em diferentes cadeias produtivas, o produtor rural tem demonstrado capacidade de inovar, incorporar tecnologia e buscar novas formas de produzir com eficiência. Ao mesmo tempo, desafios antigos e novos exigem planejamento, informação e decisões cada vez mais precisas. É esse cenário que esta edição da Revista Campo procura retratar.

A Expedição PeseBem Goiás 2026, realizada pelo Sistema Faeg/Senar/Ifag em parceria com os Sindicatos Rurais e parceiros, percorreu milhares de quilômetros e visitou propriedades para compreender, de perto, a realidade do confinamento goiano. O diagnóstico mostra uma pecuária tecnificada, mas também revela gargalos que precisam ser enfrentados, como a disponibilidade de animais para reposição, a infraestrutura, a energia, a conectividade e a qualificação da mão de obra.

Mais do que apresentar números, a Expedição reforça uma convicção que orienta o trabalho do Sistema Faeg/Senar: informação de qualidade é uma ferramenta essencial para a tomada de decisão no campo. Conhecer os custos, os riscos, a estrutura disponível e as condições de mercado permite ao produtor planejar melhor seus próximos passos.

Na agricultura, a realidade não é diferente. A produção de feijão em Goiás mostra que produtividade e tecnologia podem levar a resultados expressivos, mas também que produzir mais precisa estar acompanhado de condições adequadas de comercialização, infraestrutura, disponibilidade de água e energia e acesso a conhecimento técnico. O desafio não está apenas dentro da porteira. É preciso olhar para toda a cadeia.

Essa visão também está presente no trabalho do Senar Goiás. A formação profissional, a Assistência Técnica e Gerencial e as iniciativas voltadas à inovação têm justamente o propósito de apoiar o produtor diante de uma atividade rural cada vez mais dinâmica e exigente.

A Academia de Jovens Líderes do Agro é um exemplo dessa transformação. Ao aproximar jovens das tecnologias e dos desafios concretos do campo, a iniciativa mostra que a sucessão rural passa também pela capacidade de formar novas lideranças, estimular o empreendedorismo e transformar problemas em soluções. Os projetos desenvolvidos pelos participantes revelam que inovação não é apenas uma questão de tecnologia, mas também de pessoas preparadas para utilizá-la.

São iniciativas diferentes, mas que partem do mesmo princípio: aproximar conhecimento de quem produz. Esse é um dos compromissos permanentes do Sistema Faeg/Senar. Estar presente nos municípios, ouvir o produtor, compreender as particularidades de cada região e transformar essa realidade em ações concretas de formação, assistência, representação e defesa dos interesses do setor produtivo.

Boa leitura!



Eduardo Veras
Presidente em exercício
do Sistema Faeg/Senar Goiás

CAMPO

A revista Campo é uma publicação da Federação da Agricultura e Pecuária de Goiás (FAEG) e do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR Goiás), produzida pela Gerência de Comunicação Integrada do Sistema FAEG com distribuição gratuita aos seus associados. Os artigos assinados são de responsabilidade de seus autores.

Conselho editorial: Eduardo Veras, Ailton José Vilela, Armando Leite Rollemberg Neto, Claudinei Rigonatto, Dirceu Borges.

Diretor Técnico: Leonnardo Furquim.

Diretora de Comunicação: Michelly Mancinelli.

Edição e revisão: Fernando Dantas e Renan Rigo.

Reportagem: Alexandra Lacerda, Fernando Dantas, Lucas Almeida, Renan Rigo e Revana Oliveira.

Fotografia: André Costa.

Diagramação: Isabele Barbosa.

Foto da capa: André Costa.

Fotos do Painel Central: André Costa, Wenderson Araujo e divulgação.

Tiragem: 5.000 exemplares.

Comercial: (62) 3096-2124 | (62) 3096-2200.

DIRETORIA FAEG

Presidente em exercício: Eduardo Veras de Araújo.

Vice-presidentes: Enio Jaime Fernandes Júnior.

Vice-presidentes Institucionais: Ailton José Vilela e Henrique Marques de Almeida. José Vitor Caixeta Ramos (in memoriam).

Vice-presidentes Administrativos: Armando Leite Rollemberg Neto e Eliene Ferreira da Silva. Suplentes: Henrique Marques de Almeida, Evandro Vilela Barros, Arthur Traldi Chiari, Margareth Alves Irineu, Washington Luiz de Paulo, João Pedro Braollos, Marcelo Rodrigues Godinho.

Conselho Fiscal: Dulio César de Sousa, José Carlos de Oliveira, Marcos Antônio Alves Capanema, Rinaldo Tomazini Filho, Vinicius Correia de Oliveira.

Suplentes: Watson Arantes Gama, Fernando Guedes Pereira, Hedgar de Jean e Helen, Carlos Donisete Carneiro de Oliveira, Marcio Arlei Dierings.

Delegados Representantes: Walter Vieira de Rezende e José Renato Chiari.

Suplentes: Nilson Fogolin e José Fava Neto.

CONSELHO ADMINISTRATIVO SENAR

Presidente em exercício: Eduardo Veras de Araújo.

Superintendente: Dirceu Borges.

Titulares: Daniel Klüppel Carrara, Orlando Luiz da Silva, Osvaldo Moreira Guimarães e Maurício Sulino Pinto.

Suplentes: Geovandro Vieira Pereira, Eduardo Veras de Araújo, Eleandro Borges da Silva, Arthur Oscar Vaz de Almeida Filho e Dionísio Gomes Dias.

Conselho Fiscal: Wildson Cabral Santos, Marcus Vinícius Rodrigues Souza Lino e Sandra Pereira de Faria.

Suplentes: Rômulo Divino Gonzaga de Menezes, César Savini Neto e Dalila dos Santos Gonçalves.

Conselho Consultivo: Thomas David Taylor Peixoto, Nivaldo dos Santos, Pedro Leonardo de Paula Rezende, Roselene de Queiroz Chaves, Marcos Gomes da Cunha e Valéria Cavalcante da Silva Souza.

Suplentes: Antônio Carlos de Souza Lima Neto, Pedro Henrique Machado Paim, Elcio Perpétuo Guimarães, Cláudio Fernandes Cardoso e Francisco Alves Barbosa.

Sistema Faeg Senar

Rua 87 nº 708, Setor Sul. CEP: 74.093-300

Goiânia - Goiás

Contato Faeg: (62) 3096-2200 faeg@sistemafaeg.com.br

Contato Senar: (62) 3412-2700 senar@senar-go.com.br |

comunicacao@senar-go.com.br

Para receber a Revista Campo envie o endereço da entrega com nome do destinatário para nosso e-mail.

Acesse:



sistemafaeg.com.br



@SistemaFaeg



sistemafaeg



senar/ar-go



sistemafaeg



SistemaFaeg



sistemafaeg



sistemafaeg.com.br/faeg/podcasts

Assistente Virtual

62 3096 2200

Painel Central



Avicultura

Da criação caipira à produção tecnificada, a avicultura oferece oportunidades de renda para diferentes perfis de produtores, com apoio técnico e capacitações do Senar Goiás

22



Feijão

Produção de feijão cresce em Goiás, mas produtores enfrentam desafios de preço, infraestrutura e mercado para transformar alta produtividade em rentabilidade

24



Caso de Sucesso

Apicultora transforma a produção de mel em negócio profissionalizado, fortalece a sucessão familiar e amplia a renda da propriedade rural

16



Prosa Rural

Gerente técnico da Federação da Agricultura e Pecuária de Goiás (Faeg), Edson Novaes

12

06 Porteira Aberta

30 Faeg Jovem

08 Sistema em Ação

33 Mitos e Verdades

10 Ação Sindical

34 Info Senar

11 Opinião

37 Receitas do Campo

27 Carretas do Senar Goiás

38 Dica de Vó



32 Senar Responde

Técnica de campo do Senar Goiás tira dúvida sobre infestação de pontos negros em plantas

Capa



A Expedição Pecuária PeseBem 2026 traça um raio-x do confinamento em Goiás e revela os desafios e avanços de uma atividade cada vez mais técnica. O levantamento mostra capacidade ociosa, dificuldade na reposição de animais e gargalos de infraestrutura, especialmente em energia e conectividade. Ao mesmo tempo, aponta avanços em manejo, nutrição, sanidade, tecnologia e gestão. Com dados de 50 confinamentos, a pesquisa ajuda a compreender diferentes modelos de produção e os fatores que influenciam custos, investimentos, riscos e rentabilidade.

18

Vinho



Mapa

O Ministério da Agricultura e Pecuária (Mapa) publicou o Anuário do

Vinho 2026, com informações sobre a cadeia produtiva da bebida no Brasil referentes ao ano de 2025. A publicação reúne dados sobre estabelecimentos e produtos registrados no Ministério, produção, empregos e comércio exterior. Segundo o anuário, o Brasil contava, em 2025, com 965 vinícolas registradas no Mapa, distribuídas por 327 municípios. O Rio Grande do Sul concentrava 600 estabelecimentos, seguido por Santa Catarina, com 102, e São Paulo, com 86. No mesmo período,

havia 16.258 vinhos registrados no país, sendo que o Rio Grande do Sul concentrava 10.855 registros, seguido por Santa Catarina, com 1.898, e São Paulo, com 1.413. Goiás aparece na nona posição nacional em estabelecimentos registrados, com 12 unidades, e em sétimo lugar em número de vinhos, com 161 produtos.

Acesse
o anuário



União Europeia



Mapa

Relatório da Comissão Europeia, publicado no dia 28 de setembro, considera de forma satisfatória a qualidade do sistema brasileiro de produção em relação às cadeias produtivas de carne de aves e mel. O documento, elaborado após a auditoria realizada pelas autoridades sanitárias da União Europeia, concluiu "que o arcabouço legal, os procedimentos, a capacitação dos fiscais e os controles oficiais brasileiros são capazes de fornecer as garantias exigidas

pela legislação europeia". A missão europeia realizou visitas a estabelecimentos produtivos brasileiros - carne de aves e produtos avícolas, mel e produtos apícolas, e órgãos oficiais - entre 24 de agosto e 4 de setembro, verificando a proibição do uso de antimicrobianos como promotores de crescimento/aumento de rendimento. A avaliação positiva apresentada pela Comissão representa mais um passo no processo de reinclusão do Brasil na lista de fornecedores do bloco europeu. Desde a decisão anunciada pela União Europeia, no último dia 12 de maio, o governo brasileiro mantém intenso diálogo político e técnico com as autoridades do bloco. O país implementou as medidas necessárias ao atendimento dos requisitos aplicáveis e apresentou a documentação e as informações pertinentes às cadeias de produtos de origem animais destinados à exportação. O Mapa aguarda, agora, o cumprimento, por parte da União Europeia, das etapas administrativas necessárias para a conclusão do processo.

Reality



Divulgação

O Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar), por meio das regionais de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás, integra a equipe técnica do reality show inédito "Agro, O Desafio", produzido pelo Rede Matogrossense de Comunicação (Grupo RMC), que reúne as afiliadas Globo de MT, MS, GO e TO. A disputa pretende colocar à prova conhecimentos, habilidades práticas e capacidade de tomar decisões relacionadas

ao agronegócio. Para participar, é necessário ter 18 anos ou mais, morar em um dos três estados e possuir algum tipo de experiência, conhecimento ou atuação ligada ao setor. Serão escolhidos 12 participantes, que vão competir em duplas ao longo de cinco episódios. A atração será exibida aos domingos, após o Fantástico, pela TV Globo. Podem participar produtores rurais e pessoas que atuam ou possuem experiência em áreas como agricultura, pecuária, máquinas, tecnologia e gestão. A proposta também contempla diferentes gerações, desde quem construiu sua experiência no campo ao longo de décadas até profissionais que trabalham com inovação, tecnologia e novos modelos de produção. Além do domínio de conhecimentos do agro, os candidatos serão avaliados por características que podem fazer diferença durante a competição, como comunicação, estratégia, competitividade e trabalho em equipe. Mais informações: agroodesafio.com.br.

Riscos climáticos



A Embrapa entregou ao Ministério da Agricultura e Pecuária (Mapa) uma Nota Técnica contendo 163 medidas que podem ser adotadas na agropecuária brasileira com objetivo de reduzir riscos de perdas causadas pelo clima. Motivado pela ocorrência do El Niño na safra 2026/2027, o documento extrapola o fenômeno e enfatiza a necessidade de ações permanentes para gestão de riscos climáticos. Das 163 medidas propostas, 14 são transversais a todo o setor agropecuário, 139 são específicas por segmento produtivo e dez correspondem a ações viabilizadoras ou de

apoio a programas de política pública. A Nota Técnica foi produzida no âmbito do Grupo de Trabalho sobre El Niño estabelecido pelo Mapa, com participação de especialistas da Embrapa e do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet). Cerca de 50 profissionais da Embrapa participaram da elaboração das recomendações. Entre as medidas consideradas transversais, estão: monitoramento de previsões meteorológicas; uso de dados meteorológicos locais; utilização do Zoneamento Agrícola de Risco Climático (Zarc); diversificação espacial e temporal da produção; adoção de sistemas de integração lavoura-pecuária (ILP) e integração lavoura-pecuária-floresta (ILPF); avaliação constante dos riscos; elaboração de plano de contingência para eventos climáticos adversos; manutenção de infraestrutura da propriedade rural; dimensionamento da capacidade operacional; registro de eventos e impactos climáticos para melhor avaliação sobre as medidas adotadas; avaliação econômica do nível de proteção para cada risco; criação de reservas financeiras; utilização de seguro rural e outros mecanismos de transferência de risco; e capacitação de equipes. Para cada uma das cadeias produtivas, são estabelecidas medidas específicas que passam pelo manejo do solo, escolha de cultivares, planejamento das operações, investimento em estruturas de proteção, drenagem, irrigação, entre outros.

Sidago



O Governo de Goiás, por meio da Agência Goiana de Defesa Agropecuária (Agrodefesa), disponibilizou uma nova versão do aplicativo para smartphone do Sistema de Defesa Agropecuária de Goiás (Sidago). Além de passar por uma reformulação visual para tornar a navegação mais agradável e intuitiva, a plataforma móvel passou a agregar novos

recursos tecnológicos que visam desburocratizar a rotina no campo, fortalecer a segurança das transações, facilitar o trabalho diário dos produtores goianos e abrir um novo canal direto para o registro de denúncias. Entre as mudanças da nova versão do app estão as notificações em tempo real sobre movimentações de rebanhos, funcionando como uma camada extra de proteção para a pecuária estadual, permitindo que o produtor tome conhecimento imediatamente de qualquer transação envolvendo sua propriedade e, em caso de fraude, providencie a suspensão do procedimento junto à Agrodefesa. Outro recurso que o aplicativo traz é o compartilhamento otimizado da Guia de Trânsito Animal (GTA) e ainda mais um canal para registro de denúncias relacionadas à defesa agropecuária. O acesso exige as mesmas credenciais já utilizadas no portal web (sidago.agrodefesa.go.gov.br): senha exclusiva do sistema ou login pelo Gov.BR.

Acesse
o aplicativo
Google Play
(Android):



Acesse
o aplicativo
App Store
(iOS):



Cenários do Agro

O cenário econômico, as incertezas climáticas e as dificuldades de acesso ao crédito estão entre os principais desafios dos produtores rurais para a safra 2026/2027. Para discutir esses fatores e apresentar informações que contribuam para a tomada de decisões no campo, o Sistema Faeg/Senar/Ifag, o Sebrae Goiás e a Aprosoja-GO realizaram, no mês de setembro, o Fórum Goiano Cenários do Agro, na sede do Sebrae, em Goiânia. O encontro reuniu produtores rurais de diferentes regiões de Goiás e especialistas para debater os impactos da instabilidade geopolítica, as perspectivas climáticas, os custos de produção e a importância da gestão para a sustentabilidade financeira das propriedades. Entre os especialistas convidados estavam o professor de Relações Internacionais da Fundação Getulio Vargas (FGV), Oliver Stuenkel, que explicou que a instabilidade internacional deve continuar afetando os custos dos insumos, os juros

e o acesso aos mercados; o professor de Agronomia da Universidade Federal de Goiás (UFG), Rafael Battisti, que alertou para a previsão de um El Niño de forte intensidade e no qual o comportamento das chuvas pode variar entre as regiões do estado; e o engenheiro agrônomo e consultor empresarial Marcelo Prado, que destacou que a atividade rural precisa ser conduzida com organização, controle financeiro e acompanhamento dos custos.



Sistema Faeg

Para registro



Sistema Faeg/Senar



Sistema Faeg/Senar



Sistema Faeg/Senar

“A instabilidade geopolítica veio para ficar, não se trata de algo passageiro. São fatores estruturais, e isso tem impacto no custo dos insumos, dos juros, no acesso a outros mercados. O agro brasileiro precisa se preparar, monitorando o cenário global com frequência, pensando em determinados cenários e também, onde for possível, diversificar, porque ninguém mais deve depender apenas de um fornecedor ou de um mercado. Então é fundamental que o Brasil como um todo, mas sobretudo o agro, tenha alternativas, possa pensar em outros mercados para poder estar blindado da melhor forma possível quando surge uma crise geopolítica que tenha um grande impacto sobre o mercado.”

Oliver Stuenkel,
professor de Relações Internacionais da
Fundação Getulio Vargas (FGV)

“É extremamente importante o produtor conhecer o clima, olhar para um histórico de pelo menos 30 anos para entender como é o clima da região. A gente pode esperar uma safra mais quente, mas, depois que a chuva começar, não observa uma tendência de ter veranicos ou de ter condições que possam limitar tanto o cultivo. Então, a gente tem essa tendência de dispersão muito grande de chuva até esse estabelecimento mais firme da chuva. Um ponto importante é fazer o plantio nessas áreas. É preciso ter cobertura do solo, que vai ajudar a reduzir a temperatura do solo e da semente, vai auxiliar nessa parte de emergência de planta e observar principalmente a previsão de curto prazo.”

Rafael Battisti,
professor de Agronomia da Universidade
Federal de Goiás (UFG)

“O cenário é difícil, mas, ao mesmo tempo, existem grandes oportunidades, e um dos pontos principais é aumentar a eficiência em gestão, porque a agricultura é uma atividade empresarial e é necessário que se tenha planejamento, estratégia, uma boa gestão, controles financeiros, e essa área tem ficado esquecida dos empresários rurais. Controle bem os custos, seja eficiente na administração das pessoas, das máquinas, saiba escolher bons momentos favoráveis para comprar os insumos, esteja preparado em termos de tudo o que acontece no mundo, porque tudo o que se passa hoje no planeta, de forma direta ou indireta, interfere no seu negócio.”

Marcelo Prado,
engenheiro agrônomo e consultor empresarial

Cachaça

Divulgação



A Carreta Gastronômica do Senar Goiás marcou presença no Festival da Cachaça de Goiás com uma programação completa de capacitação, inovação e valorização da agroindústria regional. A estrutura móvel ficou estacionada no Flamboyant Hall recebendo palestras técnicas e sessões práticas de Cozinha Show. A agenda abrangeu desde debates estratégicos de mercado — como reforma tributária, rastreabilidade e gestão rural — até demonstrações ao vivo de processamento artesanal de carnes, produção de queijos especiais, harmonização e coquetelaria. O evento também contou com a participação de produtores assistidos pelo Senar Goiás, que levaram seus produtos para a Feira do Produtor do Senar. É uma oportunidade para apresentar ao público itens produzidos em Goiás, fortalecer a comercialização e mostrar o resultado do trabalho desenvolvido junto aos produtores.

Soja

A Federação da Agricultura e Pecuária de Goiás (Faeg) e a Associação dos Produtores de Soja e Milho de Goiás (Aprosoja-GO) conseguiram junto à Agência Goiana de Defesa Agropecuária (Agrodefesa) a antecipação do calendário de semeadura da soja em Goiás, autorizando, em caráter excepcional, o início da presença de plântulas de soja no campo para 20 de setembro. O prazo anterior estabelecia 25 de setembro como data inicial. Já a data final para a semeadura permanece em 2 de janeiro de 2027. A solicitação das entidades levou em consideração uma avaliação técnica e as condições climáticas previstas para o período. A análise apontou a possibilidade de ocorrência de janelas pontuais de umidade no solo em diferentes regiões produtoras de Goiás. A antecipação é excepcional e temporária e vale exclusivamente para a safra 2026/2027. Os produtores que realizarem a semeadura entre 20 e 24 de setembro deverão cumprir as obrigações fitossanitárias já estabelecidas, incluindo o registro e a comunicação das áreas cultivadas e o monitoramento das lavouras.



Igo Estrela

SuperAgos

Sistema Faeg/Senar



O Sistema Faeg marcou presença na cerimônia de abertura da 23ª SuperAgos, realizada em setembro, no Centro de Convenções de Goiânia. Considerada um dos

principais encontros do varejo alimentar em Goiás, a feira reúne empresários, fornecedores e profissionais do setor durante três dias de programação. Representando o Sistema Faeg/Senar/Ifag, o vice-presidente institucional, Ailton Vilela, participou da solenidade de abertura, reforçando a importância da aproximação entre o setor produtivo rural e os diferentes elos responsáveis por fazer os alimentos chegarem à mesa dos consumidores. A SuperAgos 2026 reuniu mais de 200 marcas expositoras e representa um segmento presente nos 246 municípios goianos, responsável por movimentar uma ampla cadeia de fornecedores, serviços e negócios em todo o estado.

Girassol

O Sistema Faeg/Senar/Ifag esteve presente no GiRaTech Caramuru 2026, representado pelo presidente em exercício, Eduardo Veras, na cidade de Itumbiara. O encontro colocou em pauta temas importantes para o futuro do agro, como resiliência climática, inovação e o avanço da safrinha de girassol como alternativa de rentabilidade para o produtor rural.



Divulgação

Jataí Curso de Defumação Artesanal



Divulgação

O Sindicato Rural de Jataí e o Senar Goiás realizaram, entre os dias 24 e 26 de agosto, o curso de Produção de Defumação Artesanal de Carne, em parceria com a Prefeitura de Jataí, a Secretaria Municipal de Cultura e a Casa do Artesão. Com 16 vagas, a capacitação proporcionou aos participantes conhecimentos sobre técnicas de produção artesanal de carnes defumadas. A iniciativa busca valorizar os saberes locais, ampliar as possibilidades de produção e contribuir para a geração de renda, fortalecendo a cultura e as tradições do município.

Alexânia Curso Técnico e Segurança do Trabalho



Divulgação

O Sindicato Rural de Alexânia e o Senar Goiás promoveram, no dia 29 de agosto, uma atividade prática com alunos do Curso Técnico em Segurança do Trabalho no Agro, realizada na propriedade do produtor Rafael Lima. A vivência teve como foco a cadeia produtiva da agroindústria e possibilitou aos estudantes conhecer de perto a realidade das atividades desenvolvidas no campo. Durante a experiência, os alunos puderam compreender, na prática, a importância da prevenção de riscos e dos cuidados com a segurança e a saúde dos trabalhadores nos diferentes processos da cadeia agroindustrial. A iniciativa aproxima a formação técnica da realidade profissional e contribui para a preparação de novos profissionais para o setor.

Trindade 46ª Semana Senar na Unigoyazes



Divulgação

A 46ª Semana Senar, realizada na Unigoyazes, em Trindade, reuniu uma programação voltada à atualização de conhecimentos e aos desafios do agronegócio. Entre os destaques estiveram as palestras sobre Agropecuária Regenerativa e Resiliência Climática, e Agropecuária de Precisão. O evento também contou com 12 treinamentos práticos em áreas estratégicas para a produção rural, incluindo pulverização com drones, sistemas de irrigação e manejo sustentável. A iniciativa, realizada pelo Sindicato Rural de Trindade e Senar Goiás, em parceria com a Unigoyazes, reforça a importância da qualificação profissional para acompanhar as transformações tecnológicas e as novas demandas do setor agropecuário.

Chapadão do Céu Festival Receitas do Campo



Divulgação

O Sindicato Rural de Chapadão do Céu e o Senar Goiás realizaram o Festival de Receitas do Campo, no dia 12 de agosto, no Centro do Idoso do município. A iniciativa reuniu mais de 120 participantes e 27 receitas, com o objetivo de valorizar a culinária rural, preservar tradições e fortalecer a cultura do campo. O evento contou com categorias de almoço ou jantar, sobremesa rural e lanche da fazenda, além do reconhecimento de receitas destaque com base em critérios de história e sabor. A programação também premiou os três primeiros colocados de cada categoria, valorizando preparos que mantêm vivas as tradições da cozinha do campo.

Plantio Direto: mais do que uma técnica, um compromisso com a saúde do solo



**Anderson
Brasileiro de
Vasconcelos**
é instrutor do
Senar Goiás

O Plantio Direto revolucionou a agricultura brasileira nas últimas décadas e hoje é considerado um dos sistemas mais eficientes para produzir com sustentabilidade. No entanto, ainda existem muitas dúvidas entre os produtores rurais sobre sua implantação, seu manejo e, principalmente, sobre como manter a qualidade do solo ao longo dos anos.

A primeira dúvida mais frequente é: “Plantio direto é simplesmente não revolver o solo?” A resposta é não. O plantio direto vai muito além da ausência de aração e gradagem. Ele é baseado em três pilares fundamentais: manter o solo permanentemente com cobertura, realizar a rotação de culturas e minimizar o revolvimento do solo. Quando um desses pilares não é respeitado, o sistema perde grande parte de sua eficiência.

Compreender a estrutura do solo é essencial para o sucesso da lavoura. Um solo bem estruturado apresenta agregados estáveis, boa porosidade, infiltração de água eficiente e grande desenvolvimento radicular das culturas. Quando essa estrutura é preservada, há menor erosão, maior retenção de água no perfil do solo e melhor aproveitamento dos nutrientes pelas plantas.

Muitos produtores também perguntam: “Vale a pena investir em plantas de cobertura?” A resposta é sim. Elas protegem o solo contra o impacto das chuvas, reduzem a amplitude térmica, aumentam a matéria orgânica, favorecem a atividade biológica e ajudam a romper camadas compactadas naturalmente por meio de suas raízes.

Outro equívoco bastante co-

mum é acreditar que a palhada atrapalha a semeadura. Na realidade, quando a semeadora está corretamente regulada, a cobertura vegetal traz inúmeros benefícios, como redução da emergência de plantas daninhas, proteção da superfície do solo contra a erosão e conservação da umidade no solo, principalmente na fase de implantação da cultura, quando o regime de chuvas não está constante.

O grande desafio do plantio direto não está apenas em adquirir máquinas modernas, mas em compreender que o solo é um organismo vivo. Fungos, bactérias, minhocas e outros organismos desempenham um papel fundamental na construção da fertilidade e da estrutura do solo. Quanto menor a interferência mecânica e maior a diversidade de culturas, maior será a atividade biológica e mais saudável será o ambiente para o desenvolvimento das plantas.

O produtor rural que investe na saúde do solo está investindo no futuro da sua propriedade. Um solo estruturado produz mais, resiste melhor aos períodos de seca e às chuvas intensas, reduz custos com correções e garante maior estabilidade produtiva ao longo dos anos.

O plantio direto não deve ser visto apenas como uma técnica agrícola, mas como uma filosofia de manejo. Produzir bem significa cuidar do solo hoje para que as próximas gerações também possam colher bons resultados amanhã. Afinal, a maior riqueza de uma propriedade rural não está apenas na produtividade da safra, mas na qualidade do solo que sustenta toda a produção.

Endividamento rural brasileiro



Edson Novaes

é gerente técnico da Federação da Agricultura e Pecuária de Goiás (Faeg)

André Costa

Alexandra Lacerda | alexandra.lacerda@senar-go.com.br

O endividamento rural no Brasil não é um fenômeno recente, acompanha a própria evolução do sistema de crédito rural e, especialmente desde os anos 1980, tem passado por vários ciclos de expansão, crise, renegociação e reestruturação. Durante os anos de 1960 e 1970, o crédito rural foi utilizado como instrumento e indutor de modernização da agricultura brasileira, promovendo a expansão da mecanização, da utilização de insumos mais modernos e o aumento da produtividade, objetivando tornar o país grande produtor e exportador de alimentos ao invés de

importador de alimentos. Com isso, foi possível tornar o país referência mundial não só na produção, mas na exportação de alimentos. Porém, esse modelo foi construído com apoio do Estado e recursos direcionados, além de taxas de juros mais favorecidas.

O problema que surgiu foi que a expansão da produção passaria a depender do crédito rural subsidiado pelo Estado. A partir daí, iniciaram as primeiras crises de endividamento. Como na década de 1980, com a combinação de inflação elevada, juros altos, redução dos subsídios, dificuldades na comercialização, impactan-

do na queda da renda agrícola dos produtores rurais. E isso gerou uma maior inadimplência, como a registrada pelo Ministério da Agricultura no ano de 1988, quando o Banco do Brasil tinha 21% da dívida rural em situação de inadimplência. A partir deste período, ficou evidente que, quando a renda agrícola não acompanha o custo financeiro da dívida, o produtor precisaria renegociar o passivo para continuar produzindo, buscando evitar o inadimplemento e a perda de crédito. Nesta entrevista, o gerente técnico da Faeg, Edson Novaes, fala mais sobre o assunto. Confira!

1 Estamos diante de um problema pontual de endividamento ou de crise estrutural do crédito rural?

A cada ano, com o avanço da geopolítica e da economia mundial, observamos que os negócios, de um modo geral, têm sido impactados com maior velocidade, por mudanças e alterações não somente do mercado interno, mas também do mercado externo. Além dos aspectos que costumavam impactar a produção agrícola, como intempéries climáticas, temos observado aspectos geopolíticos, sendo comerciais, tarifários e não tarifários, conflitos armados, que impactam diretamente no aumento dos custos de produção ou na própria comercialização dos produtos das diversas cadeias produtivas. E o agro não está imune a isso. O que temos visto nos últimos ciclos de produção agropecuária não é apenas uma frustração pontual de safra, mas um choque sério entre custos de produção elevados e desvalorização expressiva das commodities. Isso num cenário que tem contribuído para uma disponibilidade de crédito mais difícil de ser obtido pelo produtor para financiar sua próxima safra. A inadimplência no crédito rural tem batido, nos últimos anos, recordes sucessivos, impulsionada não apenas pelas perdas de produção, mas pelo descasamento entre custos inflacionados e receitas menores na comercialização das safras agrícolas. Pode-se dizer que hoje há elementos para dizer que o Brasil atravessa uma crise estrutural do crédito rural. No entanto, os dados ainda não permitem afirmar que todo o sistema de crédito rural esteja em uma crise sistêmica. O que está claro é uma crise de capacidade de pagamento e de sustentabilidade financeira de uma grande parcela dos produtores, que está pressionando o sistema de crédito no Brasil e impactando no financiamento da safra agrícola. Estamos, sim, vivendo uma crise estrutural do crédito rural brasileiro. Onde se vê a necessidade de discutirmos mecanismos para a modernização do crédito rural e também para resolver esse problema do endividamento.

2 Qual é o montante atual do endividamento dos produtores rurais brasileiros?

Não existe uma estatística oficial que some toda a dívida do produtor

rural brasileiro, porque parte do financiamento está nos bancos e cooperativas e outra parte está nas operações de barter, nas tradings, fornecedores de insumos e outras fontes privadas. Estima-se que o montante do financiamento efetivo da produção agropecuária brasileira é superior a R\$ 1,36 trilhão, considerando o crédito rural bancário e os estoques de CPR, LCA, CRA e CDCA e mais as operações de Barter, fornecedores, tradings e recursos próprios. O Brasil tem hoje, segundo os dados do Banco Central, uma carteira de crédito rural bancária da ordem de R\$ 881 bilhões (posição de julho/2026). Deste valor, 23,5% é considerado o que chamamos de “Saldo Problemático”. Ou seja, R\$ 207,4 bilhões de dívidas que estão em atraso, inadimplentes, de dívidas que foram prorrogadas e renegociadas. Isso representa 32,8% do total do crédito rural brasileiro. Se considerarmos apenas as dívidas com atraso e as inadimplentes, esse percentual é de 7,7%, somando R\$ 68,2 bilhões, desconsiderando as dívidas que já foram prorrogadas e renegociadas e os produtores ainda terão que pagar. No caso do estado de Goiás, em específico, o “saldo problemático” do crédito rural bancário é de R\$ 21,3 bilhões, representando 27% de todo o crédito rural bancário do Estado (cerca de R\$ 79 bilhões). Considerando apenas as dívidas atrasadas e inadimplentes, somam R\$ 4 bilhões, 5% do total do crédito rural disponível. No entanto, R\$ 17,2 bilhões foram as dívidas que foram prorrogadas ou renegociadas e que os produtores rurais terão que pagar. Portanto, o endividamento rural é muito grande. Para se ter uma ideia, nos últimos dois anos no Brasil, saltou de 11% para 23%. Em Goiás, saltou de 8,5% para 27%. A agricultura brasileira tornou-se cada vez mais capitalizada. O produtor atualmente financia os insumos, máquinas, tecnologia, custeio, armazenagem, comercialização, terra, tudo isso através do crédito rural bancário, cooperativas, tradings, fornecedores, revenda, barter, mercados de capitais e recursos próprios. Isso aumentou a capacidade produtiva, mas também aumentou a alavanca financeira do setor.

3 Quais são as principais causas do aumento do endividamento rural nos últimos anos?

Não há uma única causa do aumento do endividamento, mas uma conjunção de fatores provocados pela perda de renda, pelos efeitos climáticos extremos e pela desestruturação dos mecanismos de financiamento do setor agropecuário. Quebras e perdas de produção por eventos climáticos extremos, queda dos preços das commodities, aumento dos custos de produção, juros elevados, endividamento acumulado, baixa cobertura de seguro rural, restrições e custo elevado do crédito e problemas de gestão financeira e planejamento são considerados os principais fatores que têm elevado de forma sistêmica o endividamento rural no Brasil. Todos esses fatores fizeram com que o endividamento aumentasse de forma gradativa, impactando na elevação das taxas de juros dos principais programas de crédito rural. Somado a isso, a taxa Selic continua em patamares muito elevados (13,75% ao ano), o que elevou o custo financeiro das operações e reduziu a capacidade de investimento dos produtores. O aumento do endividamento rural não atinge somente o produtor rural. Não impacta somente na renda do setor rural. Produz efeitos que vão muito além da situação financeira do campo. Afeta todas as cadeias de investimentos, de produção, de crédito, de preços que são dependentes do setor rural. Afeta a capacidade de expansão de todos os setores da economia, indústria, comércio e serviços que estão ligados ao agronegócio. O grande problema do endividamento rural crônico pelo qual o produtor passa é de se transformar em um problema de capacidade produtiva futura. Portanto, não é somente um problema financeiro, mas que pode afetar a capacidade de produção futura. Quanto maior for a dívida, maior será a necessidade de crédito e maior o risco financeiro do produtor, ficando mais difícil conseguir crédito em condições adequadas para produzir, podendo impactar na redução de área e de produção. Então, o maior risco do endividamento rural não é apenas o produtor não conseguir pagar a dívida, mas sim deixar de produzir, investir e crescer por falta de condições de financiar essa produção. Portanto, há uma necessidade premente de o

governo federal criar condições exequíveis para que os produtores rurais possam sanar definitivamente os seus passivos e continuar preservando sua capacidade produtiva.

4 Quais são, hoje, as principais alternativas disponíveis para o produtor rural renegociar suas dívidas?

Hoje, o produtor rural tem algumas alternativas disponíveis para promover a renegociação, prorrogação ou alongamento das suas operações de crédito. A primeira delas é a Medida Provisória 1376/2026, publicada dia 15/07/2026, que autoriza a criação de linhas de crédito para composição de dívidas para liquidação ou amortização de operações de crédito rural e de Cédulas de Produto Rural contratadas por produtores rurais afetados por eventos climáticos adversos. Dentro desta MP, algumas dívidas podem ser enquadradas, sendo operações de custeio, comercialização e industrialização já renegociadas ou prorrogadas até 31/05/2026, em que as operações estejam adimplentes na data da contratação da nova linha; demais operações de custeio, comercialização e industrialização que foram contratadas até 31/12/2025, cuja inadimplência foi iniciada a partir de 01/01/2024 e permaneceu em inadimplência até 31/05/2026; operações de investimento com parcelas vencidas ou vincendas entre 01/01/2024 e 31/12/2026, originárias de operações contratadas até 31/12/2025, com inadimplência iniciada a partir de 01/01/2024 e mantida em 31/05/2026; e operações com CPR com liquidação financeira emitida em favor de instituição financeira até 31/12/2025, inadimplente a partir de 01/01/2024 e mantida em 31/05/2026, sendo registrada em entidade autorizada pelo Bacen. No entanto, para se enquadrar na MP 1376, os produtores rurais têm que comprovar perdas em duas ou mais safras entre 2019 e 2025, com redução de, no mínimo, 30% da renda bruta agropecuária esperada da safra ou atividade financiada. Sendo essas perdas por eventos climáticos extremos (enxurradas, alagamentos, inundações, chuvas de granizo, chuvas intensas, tornados, ondas de frio, geadas, vendaval, secas ou

estiagens), ou pela redução dos preços de comercialização dos produtos financiados. Para isso, terá que apresentar laudo emitido por profissional legalmente habilitado. Nesse caso, os limites individuais de renegociação vão de R\$ 400 mil por produtor (Pronaf) a R\$ 4 milhões (grandes produtores), com juros variando de 6% a 12% ao ano, com até oito anos para pagar, com dois de carência. Ou, em condições excepcionais, os produtores terão que comprovar perdas mais severas, em três ou mais safras entre 2019 e 2025, provocadas apenas por eventos climáticos extremos, tendo redução mínima de 40% da renda bruta esperada. Também há a necessidade de apresentar laudo técnico emitido por profissional legalmente habilitado. Nesse caso, os limites individuais de renegociação vão de R\$ 500 mil por produtor (Pronaf) a R\$ 8 milhões (grandes produtores), com juros variando de 5% a 11% ao ano, com até dez anos para pagar, com dois de carência. A MP 1376/2026 estabelece um prazo de até 120 dias após a publicação, para a contratação das linhas, o que finaliza em 12/11/2026. Outra alternativa para que o produtor rural tem para renegociar suas dívidas rurais, caso ele não se adeque à MP 1376/2026, é verificar se suas dívidas se enquadram nas renegociações constantes do Manual de Crédito Rural, principalmente no MCR 2-6-4, que trata da prorrogação de operações, sendo complementada pelo MCR 2-6-7 a MCR 2-6-9, além de dispositivos específicos como o MCR 11-1-4 (investimento) e normas do Pronaf no MCR 10-1. Para tanto, é necessário o produtor, com a orientação do técnico que faz os seus projetos, procurar verificar as Normas Gerais de Crédito, constantes no Capítulo 2 do MCR 2-6. É importante frisar que as renegociações, prorrogações e/ou alongamento de operações de crédito e de dívidas rurais seguem um processo estruturado e exigem organização financeira e estratégia de negociação por parte do produtor rural. Além dessas duas medidas, as instituições financeiras têm proporcionado aos produtores, caso suas operações não se enquadrem nem na MP 1376 nem nas linhas do MCR, outras linhas próprias, ge-

ralmente com juros de mercado, para que os produtores possam renegociar, prorrogar ou alongar suas operações, vencidas ou a vencer. Uma questão que é importante mencionar é que, devido à Resolução CMN 4966/2021, que modificou a forma de provisionamento das perdas das instituições financeiras, as mesmas têm exigido, caso a caso, um percentual de entrada e a exigência de garantia real, tendo como base a Alienação Fiduciária de bens. A Faeg tem sempre orientado os produtores, para que possam, juntamente com os técnicos que lhe dão assessoria, procurar as instituições financeiras e renegociar da melhor forma possível, buscando garantir melhores condições de renegociação, de acordo com sua capacidade de pagamento e de garantias.

5 As atuais regras de renegociação de dívidas rurais têm resolvido o problema?

Hoje, há elementos para dizer que o Brasil atravessa uma crise estrutural do crédito rural, que está caracterizada por uma crise de capacidade de pagamento e de sustentabilidade financeira de uma grande parcela dos produtores rurais. Isso pressiona cada vez mais o sistema de crédito no Brasil e impacta no financiamento da safra agrícola. Para tentar estancar o problema, o governo federal tem criado, nos últimos anos, por Medidas Provisórias, linhas especiais de crédito para composição e renegociação de dívidas dos produtores rurais e cooperativas, principalmente dos que sofreram perdas em duas, três ou mais safras entre 2019 e 2025, seja por eventos climáticos ou queda de preços agrícolas. São alternativas que não resolvem o problema do endividamento dos produtores rurais. Apenas postergam o problema para os anos seguintes. Como exemplo, podemos citar a MP 1314/2025 e, por último, a MP 1376/2026. A MP 1314/2025, publicada em 05/09/2025, trouxe duas formas de renegociação de dívidas para os produtores rurais. Uma linha de crédito para a renegociação de dívidas com juros subsidiados e outra linha de crédito para renegociação de dívidas com recursos com juros livres. No caso da linha de crédito com juros subsidiados, abran-

geu apenas produtores rurais que foram afetados por perdas climáticas, com no mínimo duas ou mais safras com perdas em decorrência climática. Não abarcou queda de renda por queda de preços. Tivemos milhares de produtores que tiveram perdas em apenas uma safra, ou que tiveram perdas oriundas de queda de preços, que afetaram sua renda, e que não foram enquadrados. Nesse sentido, poucos produtores fora dos estados da região Sul (Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina) conseguiram aderir à MP 1314 nessa modalidade. No caso da linha de crédito com juros livres, para se adequar, produtores tinham que comprovar apenas que tiveram dificuldades no fluxo de caixa, seja devido ao impacto acumulado de perdas decorrentes de eventos climáticos adversos ou mesmo de outros fatores que causaram aumento do endividamento que os impossibilitaram de reembolsar integralmente as operações de crédito rural. Qual foi o resultado? Que tivemos no Brasil, R\$ 45 bilhões renegociados com base na MP 1314/2025, em sua maior parte com um prazo de 10 anos e juros médios de 19% ao ano. Uma situação que, ao invés de auxiliar o produtor a resolver o problema, promoveu o aumento do seu endividamento, além de exigir maiores garantias reais dos mesmos. No caso atual, da MP 1376/2026, apesar de proporcionar renegociações com juros menores (subsidiados), e também de enquadrarem operações com redução dos preços de comercialização dos produtos financiados, devido às exigências das instituições financeiras para que os produtores possam se enquadrar, seja pela exigência de depósito de um percentual de entrada ou de garantia real tendo como base Alienação Fiduciária de bens, muitos produtores não se adequaram à referida MP, deixando os mesmos na inadimplência. Para se ter uma ideia dessa realidade, até 17 de setembro de 2026, dois meses após a publicação da Medida Provisória 1376/2026, foram contratadas apenas 12,1 mil operações e R\$ 3,66 bilhões de renegociação de dívidas rurais nas regras da MP 1376 em todo o Brasil. O governo estima que R\$ 120 bilhões em débitos poderão ser en-

quadrados nas regras e que as operações devem fluir após alterações recentes nas normas. Entendemos que, caso não sejam resolvidos os entraves para acesso dos produtores ao crédito nas instituições financeiras, a MP 1376 não atenderá o seu objetivo. Essas MPs trazem apenas um alívio psicológico momentâneo ao produtor. Se a renegociação demorar meses para ser aprovada nas agências, o ciclo de plantio atual poderá ser comprometido. Também não adianta o banco renegociar o que ficou para trás, mas fechar as portas para o produtor obter um novo crédito na instituição. A primeira medida só faz sentido se viabilizar a segunda. O problema que precisamos resolver, no fim das contas, é o problema estrutural do endividamento do produtor e continuar viabilizando o financiamento da sua operação. Apenas empurrar a dívida para frente e fechar a porta para novos recursos não adianta nada.

6 O atual modelo de crédito rural ainda é compatível com a realidade econômica do produtor brasileiro?

A CNA, ao apresentar ao Governo Federal as propostas para o Plano Agrícola 2026/2027, na sua Nota de Abertura, mencionou o seguinte: “O Plano Safra 2026/2027 se insere em um contexto desafiador para parte relevante dos produtores rurais brasileiros. O aumento dos custos de produção, aliado à volatilidade dos preços agropecuários e ao ambiente de taxas de juros ainda elevadas, tem comprimido margens e reduzido a capacidade de investimento no campo. Esse cenário é ainda mais sensível em atividades expostas a riscos climáticos e de mercado, exigindo maior atenção na formulação de políticas públicas que garantam a continuidade e a sustentabilidade da produção agropecuária.” O que se observa atualmente é o enfraquecimento dos instrumentos atuais de política agrícola, com destaque ao seguro rural. O que tem proporcionado o aumento da vulnerabilidade dos produtores, principalmente aos riscos climáticos e de mercado. E a consequência principal são os impactos que isso traz para a produção, para o

sistema de crédito e para a renda dos produtores. O que realmente necessitamos é de um Plano Agrícola Plurianual que contemple instrumentos estruturantes para o financiamento e seguridade da agropecuária brasileira. A situação atual revela um descompasso entre as condições de financiamento e o ambiente econômico enfrentado por parte dos produtores, que estão operando sob pressão de custos, juros elevados, restrições financeiras e clima adverso, com redução de margens e maior endividamento. Conforme apresentado pela CNA, o setor rural “demanda instrumentos com horizonte plurianual, que permitam maior estabilidade nas regras, nos limites e nas condições de financiamento, reduzindo a exposição a ciclos econômicos e a incertezas fiscais. Essa previsibilidade é essencial ao produtor rural, mas também para atrair investimentos privados e fortalecer o financiamento do agro no longo prazo.” No nosso entendimento, a ampliação do acesso ao crédito rural, o fortalecimento do seguro rural e dos mecanismos de gestão de risco e comercialização são os principais fatores que poderão reduzir o risco dos produtores ao maior endividamento e proporcionar condições para o desenvolvimento mais sustentável do setor. Medidas paliativas de renegociação de dívidas, que apenas empurram o endividamento do setor para frente, não resolverão o problema. Tem-se que agir para prevenir o problema, antes que aconteça. Claro que necessitamos resolver o problema atual do endividamento, mas criando condições para que os produtores segurem sua renda e consigam pagar suas dívidas e continuar obtendo crédito para o plantio da próxima safra. O crédito rural precisa financiar uma atividade cujo retorno ocorre depois da produção e comercialização. Se o produtor sofre uma quebra de safra ou queda de preços, a receita cai imediatamente, enquanto a dívida continua existindo. O produtor está recorrendo cada vez mais a fontes fora do crédito bancário tradicional, e isso precisa ser considerado na construção de uma estrutura sólida para a continuidade do crescimento da agropecuária brasileira.

Do laboratório para o apiário

Com apoio do Senar Goiás, apicultrora conseguiu, com algo totalmente novo, implantar a produção de mel na propriedade dos pais e fortalecer a sucessão familiar

Revana Oliveira | revana@sistemafeag.com.br



Formada em Biomedicina, Andreza do Carmo decidiu que queria mudar de profissão e escolheu a apicultura como opção. Na foto, ela junto com a mãe, Janette do Carmo

O caminho até o campo começou em um momento em que quase tudo havia parado. Durante a pandemia, Andreza do Carmo deixou o emprego em Goiânia e passou a frequentar mais a propriedade da família, em Edealina. O que inicialmente era uma forma de ficar perto dos pais despertou uma pergunta: e se o futuro profissional estivesse ali?

Formada em Biomedicina, ela começou a pesquisar cursos que pudessem aproximá-la da rotina rural. Em 2023, encontrou no Senar Goiás uma capacitação em apicultura. Bastou o primeiro contato com as abelhas para surgir uma nova paixão. “Eu fiquei encantada, de cara. Já adorei todos os manejos, todos os processos. Você vê o trabalho em equipe delas e percebe que precisa ter paciência, que existe todo um trabalho para ter o produto no final”, conta.

A ideia de montar um apiário, porém, não convenceu de imediato a mãe, Janette do Carmo. Afinal, Andreza nunca havia demonstrado interesse pela atividade e estava acostumada à vida em Goiânia. Além disso, trabalhar com abelhas exige conhecimento e cuidados específicos. “No começo eu não botei muita fé, porque mexer com abelhas não é simples e ela nunca tinha falado que gostava disso. Mas ela estava muito determinada e foi atrás dos cursos do Senar, da assistência técnica. Quando vi aquilo, pensei: ela realmente quer viver no campo”, lembra Janette.

A determinação ganhou reforço quando Andreza recebeu a notícia de que haveria uma nova capacitação de apicultura em uma propriedade vizinha. Para ela, era o incentivo que faltava. “Eu pensei que era um sinal. Fiz o curso e, se fosse da vontade de Deus, ia dar certo. Quando terminei, já recebi orientação sobre onde encontrar os materiais e sobre a assistência técnica. Cheguei para os meus pais e falei: eu quero mexer com isso, quero ter um apiário aqui na fazenda.”

O primeiro apiário foi implantado em 2023. Com orientação técnica, Andreza aprendeu a preparar as caixas, produzir iscas e acompanhar o desenvolvimento das colmeias. Em 2024, oito caixas já estavam estruturadas e em produção. Em 2025 veio a primeira colheita: 210 quilos de mel.

O resultado surpreendeu até quem acompanhava o projeto desde o começo. Para Andreza, porém, a maior satisfação estava em acompanhar o processo completo, desde o trabalho das abelhas até o



Divulgação

produto pronto. “Você vê o trabalho de um ano. Depois tira o favo, desopercula, leva para a centrífuga e vê o mel escorrendo. É lindo, é gratificante. E você pensa: foi a gente que produziu, a gente que cuidou”, relata.

A evolução do apiário contou com acompanhamento mensal da Assistência Técnica e Gerencial do Senar Goiás (ATEG). Segundo a técnica de campo Raissa Sousa, as visitas são realizadas uma vez por mês, durante quatro horas, ao longo de dois anos. Entre uma visita e outra, o produtor também pode recorrer à equipe para esclarecer dúvidas. “Ela é uma produtora excepcional, porque pega para fazer. Surgem dúvidas durante o mês, e nós técnicos ficamos abertos para ajudar. Para quem está começando, é normal ter dúvidas. O objetivo é fazer o produtor crescer e ter uma fonte de renda a mais dentro da propriedade rural”, explica.

Andreza confirma que a orientação não fica restrita aos dias de visita. “Eu mando mensagem para ela quase a semana inteira. Depois que ela vai embora, aparecem mi-



Divulgação

lhões de dúvidas, que é sempre desse jeito. E ela é muito disposta e disponível para me ajudar”, brinca.

A assistência do Senar Goiás já foi renovada para mais dois anos. O conhecimento adquirido também ajudou a transformar o mel em uma marca. Como na propriedade existe um ipê frondoso, os produtos receberam o nome de Encantos do Ipê. Além do mel puro, a família produz versões com castanhas, composto com açafrão e própolis. A intenção é ampliar a linha e conquistar novos mercados. “Eu quero crescer. Meu objetivo é chegar a pelo menos uma tonelada de mel e ter

o produto em supermercados, feiras e empórios. Também queremos ampliar a linha, fazer mel cremoso e outras variedades, porque muita gente ainda conhece somente o mel tradicional”, explica Andreza.

O negócio também aproximou mãe e filha. Janette, que inicialmente desconfiou da escolha profissional da filha, passou a acompanhá-la no apiário e a dividir outras atividades de produção e venda. “Acabou sendo um grande sucesso, porque ela virou minha sucessora familiar e minha parceira. Além do mel que ela produz, eu faço vários doces e nós vendemos juntas nas feiras. Um produto agrega ao outro, e isso é muito bom”, afirma.

O Senar Goiás oferece os cursos de apicultura básica, avançada, produção de rainhas e multiplicação de enxames, além de processamento de cera. Todos presenciais e podem ser solicitados nos Sindicatos Rurais, assim como a assistência técnica. Informações sobre o conteúdo de cada um deles também estão no site: <https://sistemafaeg.com.br/senar/cursos-e-treinamentos>. Em EaD estão disponíveis: Boas práticas na fabricação de mel e outros produtos de abelhas e Meliponicultura: Criação e Manejo de Abelhas sem Ferrão. Acesse: <https://ead.senargo.org.br>.



Divulgação

Confinamento goiano cresce entre tecnologia e novos desafios

Expedição PeseBem revela gargalos de infraestrutura, pressão na reposição e avanços no manejo

Alexandra Lacerda | alexandra.lacerda@senar-go.com.br

A pecuária de confinamento em Goiás ganhou escala e complexidade, mas também passou a exigir mais precisão na gestão. O retrato produzido pela Expedição PeseBem Goiás 2026, realizada de 15 a 19 de setembro pelo Sistema Faeg/Senar/Ifag, em parceria com os Sindicatos Rurais e patrocinadores, percorreu cerca de 6 mil quilômetros e visitou 50 confinamentos nas rotas Sul e Norte. A análise apresentada à imprensa foi baseada em 1,4 milhão de cabeças, reunindo informações de campo e de outras propriedades acompanhadas pelas equipes.

O levantamento procurou entender como funciona o confinamento em diferentes portes e modelos: capacidade instalada, ocupação, compra de animais, recria, custos, manejo, sanidade, mercado, infra-

estrutura, conectividade, mão de obra e intenção de investimento. Para o produtor, o valor do diagnóstico está menos em um número isolado e mais na possibilidade de enxergar os pontos que formam a conta do confinamento.

Goiás permanece entre os três estados brasileiros com maior número de animais confinados. Ao mesmo tempo, a atividade enfrenta menor disponibilidade de animais para reposição, pressão sobre custos e limitações estruturais. Os dados também mostram avanços em tecnologia, manejo e organização da produção.

Capacidade instalada

Nas unidades consideradas para o indicador de capacidade, a estrutura estática soma 755 mil cabeças. Deste total, 501 mil estavam em uso e 254 mil permaneciam ociosas, 34%

da capacidade. O dado mostra que possuir estrutura não significa, necessariamente, conseguir ocupá-la.

A diferença aparece com força entre os portes, já que a ociosidade chega a 77% nas unidades de até mil cabeças; fica em 37% entre 1.001 e 6 mil; e em 28% nas estruturas acima de 6 mil animais. A leitura para o produtor é direta: capacidade física precisa caminhar junto com disponibilidade de animais, capital de giro, estratégia de compra e mercado de venda.

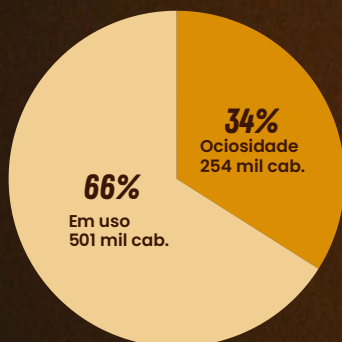
Para Armando Rollemberg, presidente do Instituto para o Fortalecimento da Agropecuária de Goiás (Ifag), instituição realizadora do evento, a expedição veio detalhar, através da realidade no campo, como a cadeia produtiva está se desenvolvendo e aprimorando a produção. "Ficou muito claro que o



CAPACIDADE INSTALADA x USO

CAPACIDADE ESTÁTICA DE 755 MIL CABEÇAS E O USO, DE 501 MIL: 34% DE OCIOSIDADE

CAPACIDADE ESTÁTICA
x
LOTAÇÃO ATUAL



OCIOSIDADE ESTÁTICA POR PORTE (% DA CAPACIDADE)

Até 1.000 cab.

49 unidades • capacidade 52 mil • lotação 12 mil cab. • 57% sem os casos a verificar **77%**

1.001 a 6.000 cab.

36 unidades • capacidade 173 mil • lotação 109 mil cab. **37%**

Acima de 6.000 cab.

15 unidades • capacidade 530 mil • lotação 380 mil cab. **28%**

gargalo em todo o Estado de Goiás, principalmente na pecuária e na região Norte, é energia. Por outro lado, a gente viu uma tecnologia muito avançada na cadeia produtiva. A Expedição PeseBem veio exatamente levantar todos esses dados para gerar informação e apoiar decisões de gestão do produtor, discussão de políticas públicas e ações educacionais do Senar”, afirma o presidente.

A avaliação de Rollemberg ajuda a colocar os números em perspectiva: a ociosidade não significa ausência de tecnologia. O levantamento encontrou diferentes níveis de estrutura e adoção de ferramentas, mostrando uma pecuária intensiva heterogênea.

Boi magro, recria e boitel

Entre as unidades analisadas, 66%

compram boi magro para a terminação e 58% possuem recria própria. A terminação intensiva a pasto aparece em 37% e o boitel em 26%. O Nelore está presente em 83% das unidades. Na composição dos lotes, 79% das unidades trabalhavam com machos, 47% com novilhas e 41% com vacas; os percentuais podem se sobrepor.

Isso significa que não existe uma única fórmula de confinamento. A estrutura pode ser a etapa final de um sistema de recria, pode receber animais comprados ou funcionar como prestação de serviço. Por isso, indicadores de desempenho precisam ser comparados dentro do modelo de negócio de cada fazenda.

Reposição

A falta de animais para reposição aparece entre os principais desafios

identificados pela expedição. O problema ganha peso porque o animal de entrada representa parcela importante da conta do confinamento. Durante a apresentação dos resultados, informou-se que o boi confinado era comercializado na faixa de R\$ 340 a R\$ 350 por arroba, enquanto o boi magro chegava a cerca de R\$ 400 por arroba.

Para o coordenador do Programa PeseBem, Alexandre Reis, a recomposição da oferta depende do ciclo pecuário e da retenção de fêmeas. A mudança, portanto, não é imediata e precisa ser considerada no planejamento de quem depende da compra de animais para formar lotes. “A falta de animais para abastecer os confinamentos é um dos pontos que mais chamam atenção no diagnóstico. Essa normalização deve acontecer só a partir do momento que começa a ter uma retenção de fêmeas. Reposição não se resolve de uma safra para outra ela começa antes, na formação do bezerra e na dinâmica do rebanho de cria”, explica Alexandre Reis.

Mercado externo

O mercado de destino também ajuda a explicar a dimensão do confinamento goiano. Na base apresentada pelo PeseBem, 44% das unidades vendem exclusivamente ao mercado interno. Quando se observa o volume, porém, 80% têm destinação externa e apenas 20% permanecem no mercado interno. As unidades que exportam respondem por 97% do volume analisado.

A diferença entre quantidade de propriedades e volume comercializado é importante, pois uma parcela das unidades pode estar concentrada no mercado doméstico, enquan-



Presidente do Ifag, Armando Rollemberg destaca que a Expedição PeseBem transforma dados do campo em informação para orientar decisões na pecuária goiana

André Costa

MODELO DE NEGÓCIO

% das unidades que adotam cada prática



83%

das unidades trabalham com Nelore (mestiço: 38%)



79%

confinam machos; novilhas 47% e vacas 41% (n=102)



43% SÓ MACHOS

as demais incluem fêmeas



Coordenador do Programa PeseBem, Alexandre Reis ressalta que a reposição de animais depende do ciclo pecuário e da retenção de fêmeas

apesar das dificuldades, há disposição para investir.

Sanidade, nutrição e bem-estar

Outra questão que o diagnóstico mostra é uma rotina técnica no manejo. O protocolo de entrada com vermífugo aparece em 98% das unidades; a vacinação contra clostridioses, em 89%; e contra doenças respiratórias, em 75%. A mortalidade acumulada indicada na apresentação foi de 0,84% na base correspondente.

Na dieta, o volumoso representa, em mediana, 30% da matéria natural, com variação de 10% a 42%; o concentrado responde pelos 70% restantes na referência apresentada. No bem-estar, 76% relatam manejo racional, 49% usam aspersores contra poeira e 26% possuem estruturas de sombreamento. Na gestão de dejetos, 92% relatam compostagem ou adubação na própria lavoura.

O principal resultado da Expedição PeseBem não está em um único número. Está na possibilidade de enxergar o confinamento como um sistema. Estrutura, reposição, dieta, manejo, mão de obra, energia, conectividade, comercialização e risco estão conectados. Quando a margem fica mais apertada, conhecer cada componente da conta passa a ser essencial.

O levantamento também aponta espaço para melhorar a gestão de riscos: 74% das unidades não tinham seguro; 41% utilizavam algum mecanismo de proteção de preços; e 40% não souberam informar a rentabilidade anual. A apresentação aponta

to estruturas inseridas em cadeias exportadoras concentram grande parte do volume. Para o produtor, acompanhar o mercado de carne bovina significa também observar a demanda dos frigoríficos e o comportamento das exportações. “A ideia é a gente entender como é que funciona a dinâmica da grande, da média e da pequena propriedade. Esse levantamento não pretende apenas fotografar o confinamento em 2026, mas acompanhar movimentos da atividade e seus fatores de expansão ou retração”, conta Marcelo Penha, analista de Mercado do Ifag.

Entraves

Os gargalos existem e foram tam-

bém avaliados. Entre eles estão quedas de energia, que aparecem como o problema mais crítico, seguidas pelo sinal de celular. Depois vêm qualificação da mão de obra, qualidade das estradas e rotatividade operacional e técnica. Para uma atividade que depende de equipamentos, registros e comunicação, a infraestrutura passa a fazer parte da produtividade.

Melhorias estruturais foram citadas por 47% dos entrevistados, a mão de obra, por 16%, e equipamentos, por 15%. Estrutura e equipamentos, juntos, representam 62% das intenções de investimento indicadas no levantamento, o que indica que,

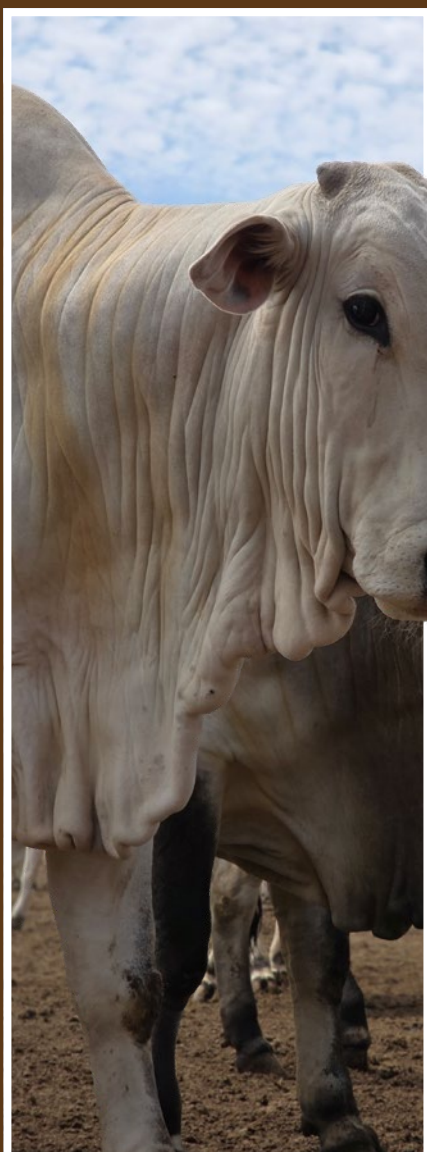
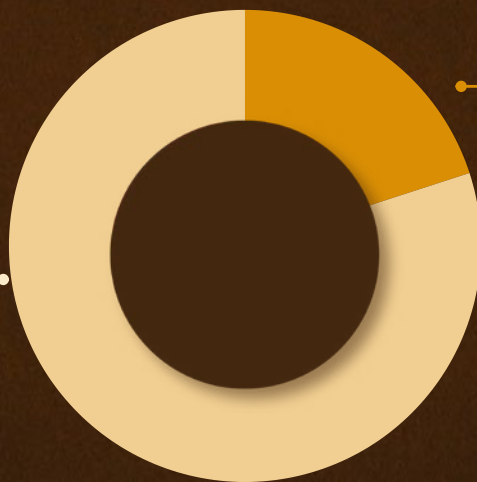
André Costa

MERCADO

**44% VENDEM SÓ NO MERCADO INTERNO,
MAS QUEM EXPORTA RESPONDE POR 97% DO VOLUME**

**80%
MERCADO
EXTERNO**

**20%
MERCADO
INTERNO**



Divulgação

rentabilidade média anual de 20% entre os respondentes que informaram o indicador. Como os universos variam conforme cada pergunta, os percentuais devem ser lidos dentro de seus respectivos contextos.

Analista de mercado do Ifag, Marcelo Penha destaca que a Expedição buscou justamente enxergar as diferenças entre propriedades de portes e perfis distintos. A informação de campo, nesse caso, é ferramenta para orientar ações e melhorar a compreensão do setor. “Esses dados são importantes para trabalhar e entender como está a atividade econômica do setor, à necessidade de ajudar o produtor ‘da porteira para fora’, ou seja, compreender o ambien-

te econômico e estrutural no qual a atividade está inserida. Só com essa vivência da realidade de cada visita realizada, a Faeg, o Ifag e o Senar poderão trabalhar com ainda mais eficiência na busca de solução para amparar os produtores de pecuária de corte em todo o estado”, concluiu Armando Rollemberg.

Para o produtor, o diagnóstico deixa uma lição prática: antes de ampliar o confinamento, vale medir a capacidade real de compra de animais, o custo de reposição, o custo diário por cabeça, o desempenho esperado, a dieta, a estrutura disponível, os riscos de energia e mão de obra e a estratégia de venda. A decisão fica mais segura quando é sustentada por números da própria fazenda e por referências confiáveis do setor.



Analista de Mercado do Ifag, Marcelo Penha explica que o levantamento acompanha os movimentos do confinamento e os fatores que influenciam sua expansão ou retração

Divulgação

Avicultura oferece oportunidades para diferentes perfis de produtores

Senar Goiás oferece qualificações presenciais e online que auxiliam na superação de desafios do mercado

Revana Oliveira | revana@sistemafaeg.com.br

Do quintal de uma pequena propriedade a grandes complexos industriais, a avicultura brasileira consolida-se como uma das cadeias produtivas mais robustas do agronegócio nacional, movimentando um ecossistema que integra desde produtores familiares até grandes complexos industriais e agroindústrias.

De acordo com o Relatório Anual da Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), o país mantém a posição de terceiro maior produtor e de primeiro maior exportador mundial de carne de frango. Esse desempenho histórico é sustentado por uma produção anual de 15,289 milhões de toneladas e pelo abate de 5,706 bilhões de aves, viabilizando a exportação de 5,324 milhões de toneladas para 153 países, com receita cambial de US\$ 9,8 bilhões.

Paralelamente, o mercado interno demonstra grande relevância ao registrar um consumo per capita de 46,7 quilos de carne de frango e de 288 ovos por habitante, inserido em um segmento de postura que movimentou R\$ 29,2 bilhões em Valor Bruto da Produção (VBP) e direcionou 40,9 mil toneladas de ovos ao mercado externo.

Dados oficiais do sistema ComexStat para o período acumulado de janeiro a agosto de 2026 revelam a manutenção de um ritmo acelerado de expansão, com o faturamento dos primeiros oito meses atingindo US\$ 6,9 bilhões, uma alta de 22,4% em comparação com o mesmo período do ano anterior.

Esse avanço foi impulsionado pelo embarque de 3,6 milhões de toneladas, o que representa uma alta de 15,1% em volume, e pela valorização do preço médio internacional da proteína na modalidade Free on Board (Posto a Bordo do Navio no Porto de Embarque), que alcançou US\$ 1,9 FOB/Kg, um incremento de 6,4%.

“Em termos macroeconômicos, a atividade passou a responder por 2,77% de todas as exportações totais do Brasil, ocupando o oitavo lugar no ranking geral de vendas externas, e por 5,37% dos embarques da Indústria de Transformação, posicionando-se na quarta colocação desse segmento industrial específico”, explica Marcelo Penha, analista de mercado do Instituto para o Fortalecimento da Agropecuária de Goiás (Ifag).

A produção brasileira de ovos em

2026 caminha para um novo recorde histórico, com projeção de alcançar 64,8 bilhões de unidades e um consumo per capita estimado acima de 300 ovos por habitante ao ano. No primeiro trimestre, o IBGE registrou a marca de 1,21 bilhão de dúzias no país, consolidando o setor mesmo diante de uma acomodação nas exportações após os picos de 2025.

Nesse cenário, o estado de Goiás se mantém firme na 9ª posição do ranking nacional, impulsionado por investimentos em tecnologia e sanidade da Associação Goiana de Avicultura (AGA), garantindo o abastecimento pleno do mercado interno e reforçando a força da avicultura goiana em todo o Centro-Oeste.

Geograficamente, os registros do ComexStat apontam que a Região Sul lidera o faturamento das exportações no acumulado de 2026, com o Paraná isolado na primeira posição nacional ao registrar aproximadamente US\$ 2,90 bilhões, seguido por Santa Catarina, com US\$ 1,52 bilhão, e pelo Rio Grande do Sul, com US\$ 880 milhões, enquanto o estado de Goiás assume o quarto lugar, com cerca de US\$ 420 milhões, superando ligeiramente São Paulo, que contabiliza US\$ 400 milhões.



Essa produção destina-se a uma carteira global diversificada liderada pela China (15,0% de participação na receita), Japão (11,9%), Arábia Saudita (10,1%), Emirados Árabes Unidos (8,5%) e México (5,5%).

“Embora o setor registre desafios pontuais, como a suspensão temporária das compras por parte da União Europeia ocorrida em setembro de 2026, afetando mercados como Países Baixos (2,5%) e Espanha (1,1%), a capilaridade comercial confere alta resiliência à cadeia, esses indicadores provam que a avicultura nacional possui uma demanda pulverizada e sustentável, viabilizando oportunidades para novos entrantes na produção de ovos, corte e serviços especializados”, conforme avalia Marcelo Penha.

Apoio do Senar Goiás

No entanto, para transformar uma criação em atividade produtiva, conhecimento técnico faz diferença. Alimentação, instalações, manejo, sanidade, seleção das aves, legislação e comercialização interferem diretamente nos resultados.

É nesse ponto que entram as capacitações oferecidas pelo Senar Goiás. A instituição mantém o curso presencial Avicultura Básica, com carga horária de 24 horas, 16 vagas, idade mínima de 18 anos e certificado. O conteúdo inclui características e manejo de aves caipiras, legislação, aves de corte, seleção de aves, ovos, enfermidades, incubação, construção de abrigos, tipos de ração, abate e comercialização.

Para a instrutora de avicultura do Senar Goiás, Danusa Lemos, a criação de galinhas caipiras pode ser uma alternativa para quem deseja começar uma atividade com estrutura mais simples. “É um investimento de baixo custo, pois não são necessários galpões grandes e máquinas industriais para dar início a uma produção no sistema caipira. Consequentemente, o retorno se torna mais rápido, criando com manejo adequado.”

Antes de começar, segundo Danusa, é importante definir o objetivo da criação. “É preciso saber com o que vai trabalhar, ou seja, o foco no negócio, se é carne ou ovos. Para isso, precisa ter um galpão ou galinheiro protegido e limpo, fornecer ração de boa qualidade e garantir acesso ao pasto ou piquetes.”

A produção de ovos também pode ser uma alternativa de renda para pequenas propriedades. “Os ovos caipiras são ótimas fontes de renda, pois possuem alto valor agregado. Exige pouco espaço e pode vender os ovos direto para o consumidor final, maximizando os ganhos”, afirma.

A instrutora destaca ainda a deman-



da do consumidor. “A preferência por ovos caipiras aumentou bastante, pois as pessoas buscam mais qualidade de vida. Esses ovos vêm de galinhas criadas soltas, se alimentando de produtos mais naturais e criadas livres, sem estresse.”

Além do Avicultura Básica, o Senar Goiás oferece o curso presencial Produção de Ovos, com 16 horas de duração, 16 vagas, idade mínima de 18 anos e certificado. A formação aborda instalações, legislação, manejo de aves caipiras para produção de ovos, seleção das aves, classificação dos ovos, enfermidades, planejamento, custos e tipos de ração.

A instituição também possui formação específica em Avicultura de Corte Tecnificada, com 32 horas. O treinamento aborda biossegurança, instalações e equipamentos, manejo pré-alojamento, avaliação zootécnica, preparação do aviário e descarte de carcaças. O objetivo é capacitar profissionais para trabalhar com aves de corte seguindo técnicas atualizadas e protocolos de biossegurança. Ambos os treinamentos podem ser solicitados nos sindicatos rurais. A agenda com as próximas turmas também está disponível em: <https://sistemafaeg.com.br/senar/cursos-e-treinamentos>.

Conhecimento na palma da mão

Para quem não consegue participar de uma turma presencial, o Senar Goiás oferece uma alternativa à distância. O curso Alternativas Alimentares na Avicultura Caipira tem 6 horas de duração e está disponível na modalidade EaD. A formação trata justamente de um dos principais componentes do custo da criação: a alimentação.

O conteúdo aborda as exigências nutricionais de frangos e galinhas caipiras, componentes da ração balanceada, alimentos energéticos e proteicos alternativos, suplementos minerais e utilização desses ingre-

dientes na formulação de rações.

Para Rafael Rosa, gerente de Educação Formal do Senar Goiás, conhecer alternativas pode ajudar o produtor a aproveitar melhor os recursos disponíveis na própria propriedade ou região. “A avicultura caipira é muito importante, principalmente para as pequenas propriedades. Você tem um cantinho ali onde pode fazer essa avicultura, aproveitar aquela área. E ela é muito bem vista nas feiras, com alimentos mais saborosos e uma característica própria, além dos ovos e da carne de frango.”

Rafael chama atenção para o peso da alimentação nos custos. “Hoje, o custo com alimentação em uma avicultura está entre 60% e 80% do custo, e é ração. Quando você vem com alternativas alimentares para utilizar restos de frutas, restos de hortaliças ou até mesmo frutos que você tem ali do Cerrado, pode incorporar na dieta dessas galinhas caipiras e aumentar a rentabilidade, melhorando cada vez mais o lucro do produtor rural.”

Segundo ele, o aproveitamento também pode reduzir desperdícios. “Ele é muito importante para a viabilidade do negócio, aproveitamento e também o desperdício. A gente evita o desperdício aproveitando essas alternativas alimentares.” Entre os exemplos citados estão “a moringa e a cabaça, que podem ser utilizadas pelas galinhas, restos de abóbora e restos de folhas”.

Rafael ressalta, porém, que o uso desses alimentos precisa estar associado ao conhecimento técnico. “O produtor rural, o técnico que vai atender dentro da avicultura caipira, tem que entender essas alternativas. Até mesmo para trazer um produto mais competitivo para o produtor rural, um pouco mais viável para o consumidor e também ambientalmente mais correto.”

Para se matricular, acesse: <https://ead.senargo.org.br/curso/alternativas-alimentares-na-avicultura-caipira>.

Feijão ganha espaço em Goiás, mas desafio é transformar produtividade em rentabilidade

Redução do ICMS melhora as condições de comercialização, enquanto produtores de Cristalina mostram que tecnologia, irrigação e assistência técnica podem levar a lavouras de alta produtividade

Lucas Almeida | lucas.souza@sistemafaeg.com.br

Na lavoura de feijão, produzir bem é apenas parte do desafio. O produtor precisa acertar a época do plantio, cuidar do solo, acompanhar de perto as condições climáticas, controlar pragas e doenças e, no fim do ciclo, ainda encontrar um mercado disposto a pagar pela qualidade do grão. Em Goiás, essa combinação tem permitido resultados expressivos, especialmente em regiões como Cristalina, mas a cultura ainda convive com obstáculos que limitam o crescimento.

Os números mais recentes da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) mostram que Goiás deve encerrar a safra 2025/26 com produção estimada em 299 mil toneladas de feijão. O volume representa crescimento de 3,1% em relação à safra anterior e coloca o Estado na quinta

posição entre os maiores produtores brasileiros. Goiás responde por cerca de 14% da produção nacional.

A área plantada também cresceu. Passou de 119,2 mil hectares na safra 2024/25 para 127 mil hectares na atual, avanço de 6,5%. A produtividade estimada, por outro lado, caiu de 2.432 para 2.354 quilos por hectare. Mesmo assim, o aumento da área foi suficiente para garantir uma produção maior.

Para o analista técnico do Instituto para o Fortalecimento da Agropecuária de Goiás (Ifag), Vilmar Eurípedes da Silva, os números mostram que existe espaço para a cultura avançar no Estado, mas a decisão de plantar feijão ainda envolve riscos que fazem o produtor avaliar com cuidado onde e quando colocar a cultura. “O preço do feijão

é muito volátil e depende bastante da qualidade”, explica. Diferentemente de outras commodities, em que o produtor consegue trabalhar com referências mais previsíveis, o feijão é comercializado de acordo com a classificação do grão. O resultado da lavoura, portanto, só fica totalmente claro no momento da colheita e da comercialização.

Preço pode cair

Cristalina é um exemplo dessa realidade. A região possui uma forte produção irrigada e reúne produtores que conseguiram transformar tecnologia e conhecimento em altas produtividades. Segundo o presidente da Associação Brasileira dos Consultores de Feijão (ABC Feijão), Renato Caetano, são cultivados aproximadamente 35 mil hectares de feijão por ano no município,

Wenderson Araújo

considerando as duas safras. Na primeira, há produção de sequeiro durante a primavera. Já a terceira safra ocorre no inverno, com o uso da irrigação.

É justamente essa terceira safra que chega agora ao fim da colheita. “Estamos na fase final de colheita da terceira safra, com rendimento acima de 55 sacas por hectare e excelente qualidade de grãos”, afirma Renato.

O resultado é expressivo, mas veio acompanhado de uma situação que preocupa quem está do outro lado da lavoura. Conforme a colheita avançou, o preço do produto caiu rapidamente. Segundo o consultor, a saca de 60 quilos, que chegou a ser negociada a R\$ 400, estava em torno de R\$ 230 no momento da entrevista.

A queda mostra, na prática, o que o Ifag aponta como um dos principais desafios da cultura: a dificuldade de prever quanto o produtor receberá pelo feijão quando chegar a hora de vender.

Para Rafael Lorea Lawson, diretor da Sementes Aliança e produtor da região, a realidade de Cristalina ajuda a dimensionar o potencial produtivo do Estado. “Em Cristalina, a média de produção é de 50 sacas de feijão por hectare. É uma boa média, resultado de uma combinação de fatores como a estrutura de irrigação, as condições climáticas, o desenvolvimento de novas cultivares e a experiência acumulada pelos produtores. Além disso, existem produtores que conseguem alcançar médias de 65 a 70 sacas por hectare”, explica Lawson.

Campo e manejo

Chegar a essas produtividades, no entanto, exige atenção durante todo o ciclo. No feijão, pequenos erros podem comprometer tanto o rendimento quanto a qualidade do produto. Rafael destaca cuidados que começam antes mesmo da semeadura, como a escolha da janela correta de plantio, o preparo do solo e o momento adequado para adubação e aplicação de defensivos.

Renato também aponta uma evolução importante no modo de produzir. Segundo ele, o acompanhamento técnico especializado passou a ter papel cada vez mais importante para que a atividade alcance uma rentabilidade adequada.

Entre as mudanças estão a redução da população de plantas, o aprimoramento da arquitetura das lavouras, o uso de bioinsumos e uma utilização mais eficiente da água na irrigação.

É nesse contexto que a Assistência



Presidente da Associação Brasileira dos Consultores de Feijão (ABC Feijão), Renato Caetano destaca a produção de feijão em Cristalina, que chega a 35 mil hectares por ano em duas safras

Divulgação

Técnica e Gerencial (ATeG) do Senar Goiás ganha importância para os produtores de grãos em todo o Estado. Por meio do acompanhamento técnico realizado diretamente nas propriedades, o programa orienta os produtores na adoção de práticas que contribuem para a conservação do solo, o manejo adequado da lavoura e a melhoria dos resultados produtivos. Para Vilmar, esse trabalho também é fundamental diante dos períodos de maior estresse climático, já que o planejamento e as técnicas aplicadas ao longo do ciclo podem ajudar a reduzir impactos sobre a lavoura e contribuir para a qualidade do grão na colheita.

No plantio direto, por exemplo, a manutenção da palhada ajuda a conservar a umidade do solo. A menor movimentação da terra também reduz a presença de solo junto às vagens durante a colheita, contribuindo para a qualidade do produto. “São práticas que garantem, às vezes, para o produtor conseguir atingir uma melhor produtividade quando tem uma qualidade melhor do produto final e também conservação do solo, principalmente para as próximas safras”, explica o analista.

Crescimento

Apesar dos bons resultados, para os especialistas, Goiás poderia produzir mais. Para isso, porém, não basta ampliar a área cultivada. Em Cristalina, um dos principais limites apontados por Renato está justamente na infraestrutura necessária para a irrigação. Segundo ele, a expansão da atividade encontra dificuldades relacionadas à disponibilidade de água e energia, além de uma rede de distribuição de energia que precisa acompanhar a demanda das propriedades.

Rafael também coloca a ampliação das outorgas de água e o acesso à energia entre as principais necessi-



Divulgação



Analista técnico do Ifag, Vilmar Eurípedes ressaltou a importância da assistência técnica para o manejo das lavouras e a redução dos impactos do estresse climático

mais em Goiás, aumentou a disputa pelo produto e consequentemente melhor preço ao produtor”, relata.

A medida, porém, não resolve sozinha os problemas da cultura. Renato avalia que o benefício tributário melhora a comercialização, mas a expansão da área continuará dependendo de investimentos em infraestrutura de água e energia.

Mercados internacionais

O próximo passo pode ser ainda maior. Goiás já tem espaço para ampliar a produção do tradicional feijão carioca, mas também pode diversificar a oferta e entrar em mercados de feijões especiais, conhecidos como pulses.

Renato cita variedades como vermelho, mungo verde, rajado e branco como oportunidades para a produção goiana avançar no mercado internacional. Segundo ele, a produção irrigada do Estado tem condições de entregar grãos com características exigidas por consumidores de mercados mais rigorosos.

A possibilidade inclui países como Índia, México e Estados Unidos. O movimento também passa pela busca de uma identidade própria para o produto. Segundo Renato, o setor trabalha para avançar na construção de uma indicação geográfica para o feijão, seguindo um caminho já conhecido em produtos como café e vinho.

dades para que mais áreas possam receber sistemas de irrigação. “Liberar mais outorga de água e acesso à energia para instalação de pivôs de irrigação” é, na avaliação dele, um dos caminhos para ampliar a produção.

Há ainda outro desafio: fazer com que o produtor tenha mais segurança para escolher o feijão diante de outras culturas. Vilmar explica que a decisão é tomada considerando o risco de mercado, o clima e a possibilidade de retorno de cada cultivo. Em um cenário de incerteza, culturas consideradas mais seguras podem acabar ganhando espaço. Por isso, para o analista, a expansão do feijão depende também de um mercado mais previsível.

Imposto e competitividade

Nesse cenário, a redução do ICMS sobre o feijão aparece como uma mudança importante. A alíquota, que era de 6%, passou para 2,4% na comercialização do produto. Para Vilmar, a medida é positiva porque melhora as condições de comercialização do feijão produzido em Goiás, especialmente aquele destinado a outros estados.

Rafael já percebe efeitos na ponta. Segundo ele, a redução ajudou a atrair compradores de outras regiões para Goiás, aumentando a disputa pelo produto e, consequentemente, contribuindo para melhorar o preço recebido pelo produtor. “Outros estados vieram comprar



Carretas de qualificação e imersão que aproximam campo e cidade

Gastronomia, tecnologia, informação e experiências interativas transformam as unidades móveis do Senar Goiás em espaços de conhecimento e conexão nos eventos do setor produtivo

Revana Oliveira | revana@sistemafaeg.com.br

Em Orizona, a experiência mostrou que uma mesma estrutura pode assumir diferentes funções durante um evento. O presidente do Sindicato Rural, Geovando Pereira, solicitou as unidades móveis do Senar Goiás para duas edições da Festa do Leite. Em 2025, a Carreta Gastronômica foi utilizada em atividades como palestras e cursos. Neste ano, a Agro 360 ampliou a programação com visitas guiadas de estudantes, podcasts e experiências com tecnologia. “Esse ano, com a carreta 360, nós fizemos todas as visitas guiadas pelos participantes do Faeg Jovem com as escolas, as crian-

ças das escolas rurais e das escolas do município, tanto da cidade, quanto dos distritos”, conta Geovando.

Para ele, o contato dos estudantes com a tecnologia e com informações sobre o setor foi um dos destaques. “As crianças tiveram um aproveitamento muito bom, principalmente na carreta 360, onde mostra a história do desenvolvimento da agricultura, do Cerrado e do trabalho do Senar.”

A estrutura também recebeu palestrantes convidados para gravações de podcasts e ofereceu aos estudantes, especialmente aos da escola agrícola, a oportunidade de utilizar

o simulador de máquinas e equipamentos. “Então acho que foi primordial a presença da carreta no nosso evento. A gente aproveitou bastante esse ano”, afirma o presidente.

Para o presidente do Sindicato Rural de Itapirapuã, Edgar Scatena Filho, a presença das carretas do Senar Goiás já se tornou parte da própria experiência das feiras. Na Agripec Show, realizada no município, o sindicato recebeu primeiro a Carreta Gastronômica e, na edição seguinte, a Agro 360. “É uma coisa imprescindível. A carreta em si já é um evento. Tanto a Gastronômica quanto a 360 já são um show à parte





Ao lado do superintendente do Senar Goiás, Dirceu Borges, o presidente do SR de Orizona, Geovando Pereira, participa do podcast na Carreta

André Costa

encontros de produtores e técnicos da ATeG, aulas do Curso Técnico do Senar, reuniões de comissões da Faeg, apresentações culturais, aberturas institucionais e transmissões de podcasts. O simulador é uma das ferramentas utilizadas para aproximar principalmente os estudantes das tecnologias presentes no campo.

Realidade de cada evento

A diversidade das atividades mostra que as carretas não chegam às feiras com uma programação engessada. A estrutura é adaptada às características e às necessidades de cada evento, podendo funcionar como sala de aula, cozinha, palco, espaço para reuniões, ambiente de interação ou estúdio.

Para o superintendente do Senar Goiás, Dirceu Borges, a proposta é ampliar a presença da instituição nos municípios e aproveitar os eventos como espaços de conhecimento e relacionamento. “Quando levamos uma carreta para uma feira, levamos também conhecimento, tecnologia e as soluções do Senar para mais perto das pessoas. O sindicato rural conhece a realidade do município e consegue aproveitar essa estrutura de acordo com as necessidades do seu público. É essa possibilidade de reunir informação, capacitação, tecnologia e relacionamento em um mesmo espaço que torna as carretas ferramentas importantes para fortalecer a atuação do Sistema Faeg/Senar nos eventos.”

Visibilidade de eventos

A Carreta Agro 360 também ganhou uma função que ultrapassa os dias de cada feira: virou estúdio itinerante

e dão um apoio excelente para qualquer evento”, afirma Edgar. Segundo ele, a estrutura contribuiu diretamente para a realização da programação. “Eu acho uma tremenda mão que o Senar e a Faeg dão para a gente com essa carreta. Todo sindicato deve aproveitar essa mão que a instituição dá. É a mão amiga.”

As duas carretas têm propostas diferentes, mas cumprem uma função semelhante: levar a estrutura e as ações do Senar para perto do público durante eventos realizados nos municípios.

A Carreta Gastronômica concentra atividades relacionadas à alimentação e à promoção social. Em 2026, até 7 de setembro, participou de 15 eventos. A programação inclui demonstrações e Cozinhas Show dos cursos de culinária da promoção social, degustações, gravações de receitas para reportagens, encontros de produtores da ATeG, reuniões, palestras, apresentações culturais e ações do Agrinho. A unidade também recebe premiações de concursos, aberturas institucionais e atividades de divulgação do Sistema Faeg/Senar, funcionando, conforme a programação de cada evento, como cozinha, palco e espaço para conteúdo.

Um exemplo dessa versatilidade foi a participação no Festival da Cachaça de Goiás, em Goiânia. A carreta recebeu atividades de Cozinha Show, degustações e harmonizações, levando ao público uma experiência que aproximou a produção rural, a gastronomia e os produtos derivados do campo.

Até 7 de setembro, aproximadamente três mil pessoas haviam passado pela Carreta Gastronômica, considerando os visitantes registrados nas listas de presença. Esse número é bem maior, já que crianças e idosos, por exemplo, participam de diversas atividades sem necessariamente assinar a lista, assim como parte do público presente em aberturas institucionais e apresentações culturais.

A Carreta Agro 360, por sua vez, estreou em 2026, com uma proposta voltada à tecnologia e à imersão. Desde o primeiro evento, em 29 de maio, até 7 de setembro, participou de nove ações, com aproximadamente 1,5 mil visitantes registrados.

A unidade conta com recursos de projeção e imersão 360 graus, simulador Agro, espaço para podcasts e estrutura para palestras, reuniões e outras atividades. Também recebeu



Presidente do SR de Itapirapuã, Edgar Scatena Filho reforça que as carretas do Senar Goiás já são presença garantida nas feiras e eventos

Divulgação



Carreta Gastronômica concentra atividades relacionadas à alimentação e à promoção social. Em 2026, até 7 de setembro, participou de 15 eventos

André Costa

para o Campo Cast, podcast do Sistema Faeg/Senar. A estrutura permite aproveitar a presença de produtores, especialistas, técnicos e lideranças nos eventos para transformar as discussões de cada local em conteúdo que continua circulando depois que a carreta segue viagem.

Na Agro Capital, o Campo Cast discutiu a importância das feiras para o setor, destacando o papel desses eventos na aproximação entre produtores, empresas, especialistas e entidades. Já na Fenashow, as gravações abordaram diferentes desafios da atividade rural, entre eles custos de produção, sobrevivência no agro e pecuária de corte.

Em outro evento, na Expopameiri, o tema foi a reforma tributária e seus impactos para o setor produtivo. Já na Expoana levou para o Campo Cast uma discussão sobre como acontecem as mobilizações do setor, enquanto na Festa do Leite, em Orizônia, abriu espaço para assuntos relacionados à atividade leiteira.

Outras gravações trataram da atuação de pessoas e instituições que

movimentam o agronegócio. Entre os temas estão a importância das entidades de classe e do Faeg Jovem, as mulheres no agronegócio e a genética na pecuária leiteira. Também entraram na programação temas relacionados à atuação do próprio Sistema Faeg/Senar, como a Assistência Técnica e Gerencial (ATeG), saúde mental no campo e a NR-1.

Durante o Congresso da Aviação Agrícola do Brasil, a discussão foi sobre a importância dos drones para a agricultura, mostrando como a tecnologia pode ser incorporada às atividades rurais e contribuir para a modernização das operações.

Com a estrutura da carreta, cada feira se transforma em oportunidade para produzir conteúdo a partir dos assuntos que estão sendo discutidos naquele ambiente. O resultado é um acervo que permanece disponível mesmo depois que o evento termina.

Os episódios do Campo Cast gravados na carreta podem ser acompanhados pelos canais digitais do Sistema Faeg/Senar, no YouTube e



André Costa

Spotify. A programação das carretas e os eventos em que estarão presentes também são divulgados nas redes sociais do Sistema Faeg/Senar.

Academia de Jovens Líderes do Agro aproxima tecnologia, inovação e desafios do campo

Jornada de cinco meses reuniu participantes em atividades de formação, desenvolvimento de projetos e preparação para novas experiências profissionais

Alexandra Lacerda | alexandra.lacerda@senar-go.com.br

A 6ª edição da Academia de Jovens Líderes do Agro, realizada pela Bayer em parceria com o Sistema Faeg/Senar para integrantes do Faeg Jovem, foi concluída no último dia 19 de setembro. Ao longo de cinco meses, 17 jovens participaram de uma jornada voltada à liderança, inovação e construção de soluções para desafios reais do agronegócio.

Nesta edição, o desafio foi o uso de ferramentas digitais para aumentar a produtividade e a previsibilidade na agricultura. Os participantes foram estimulados a compreender a realidade do campo, identificar problemas e desenvolver soluções para apoiar o produtor rural na rotina e na tomada de decisões. “A proposta foi fazer com que os jovens não apenas conhecessem as tecnologias, mas conseguissem enxergar como elas podem ser aplicadas para solucionar problemas reais do produtor rural”, explica o diretor técnico do Senar Goiás, Leonnardo Furquim.

A participação da Bayer vai além do

apoio financeiro. A empresa contribui para a estratégia de desenvolvimento dos participantes, desde a definição do tema e da trilha até a seleção de palestrantes, mentores e profissionais. Segundo Rafael Polvere, coordenador da etapa da Academia pela Bayer, a proposta é conectar os jovens a diferentes conhecimentos e experiências do setor. “Toda a estratégia a gente desenvolve aqui, desde a escolha do tema, do que vai ser a trilha, de quem serão as pessoas que vão participar. A gente faz toda essa seleção. Então, além do financiamento, a gente também olha toda essa parte estratégica”, explica Rafael.

Na etapa inicial, realizada on-line, os participantes têm contato com conteúdos relacionados aos temas do Faeg Jovem, como liderança, sucessão e empreendedorismo, pilares trabalhados pelo Senar Goiás e alinhados às diretrizes da Bayer. “A gente traz os palestrantes, traz o mentor, valida isso e faz acontecer o desenvolvimento desse jovem du-

rante essa trilha, que é de mais ou menos cinco meses”, destaca Rafael.

Do problema à solução

Para Carolina Bertelli, gerente de formação profissional rural do Senar Goiás e gestora do projeto no Estado, a metodologia busca aproximar o problema de sua solução. “Antes de buscar uma resposta, é preciso compreender o problema. Durante a jornada, os jovens trabalharam em equipe, trocaram experiências e transformaram ideias em projetos, conectando tecnologia às necessidades identificadas no meio rural, ampliando a chance que esses projetos se tornem, no futuro, efetivamente em soluções dentro da porteira”, comemora Bertelli.

Como resultado da trilha, foram apresentados cinco projetos. O AgroElo desenvolveu uma plataforma que organiza dados da propriedade de forma visual, permitindo representar a área por meio de um mapa, acompanhar atividades e identificar alertas e prioridades. O Vem da Roça criou uma plataforma



para ampliar as oportunidades de comercialização, conectando produtores e consumidores e permitindo divulgar produtos, acompanhar pedidos e organizar vendas.

Já a EngrenaMaq desenvolveu um sistema para gestão da frota, com acompanhamento de manutenções, alertas preventivos e organização de informações sobre máquinas, estoque e contatos de concessionárias, técnicos e revendas de peças. Enquanto isso, o Agrolá criou um aplicativo de gestão rural que reúne receitas, despesas e cotações personalizadas de acordo com a atividade e o município do produtor. Embora diferentes, os projetos têm em comum o uso da tecnologia para responder a problemas concretos do campo e apoiar o produtor na gestão e na tomada de decisões.

O prêmio de Projeto Destaque ficou com o PrevPasto, voltado à gestão das pastagens, que desenvolveu um agente de inteligência artificial. A partir de uma foto da área e de informações fornecidas pelo produtor, a ferramenta apresenta cenários de manejo para contribuir com análises mais rápidas e decisões mais seguras.

A ideia surgiu a partir da identificação da baixa fertilidade das pastagens, uma das condições associadas à degradação dessas áreas. O projeto foi desenvolvido por Wanessa Rafaela Silva, formada em Zootecnia e coordenadora do grupo Faeg Jovem de Rio Quente; Laura Ferreira, coordenadora do Faeg Jovem de São Luís de Montes Belos; e Robson Silva, coordenador do Faeg Jovem de Diorama.

Segundo Wanessa, o projeto levou aproximadamente um mês e meio,

entre a identificação do problema e a concepção da solução. A equipe desenvolveu o agente e iniciou testes em propriedades rurais. “A ideia surgiu a partir da identificação de um problema, que é a baixa fertilidade das pastagens, que leva a pastagens degradadas. Entre o início da ideia e a concepção do projeto inteiro, demorou cerca de um mês e meio para a gente criar esse agente e começar a testar nas propriedades”, relata Wanessa.

Para Robson Silva, a jornada também permitiu desenvolver competências profissionais e pessoais. “Foi uma excelente oportunidade. Através da trilha que percorremos, conseguimos nos desenvolver profissionalmente e pessoalmente, enfrentamos desafios, saímos da zona de conforto, trabalhamos sob pressão e, acima de tudo, nos superamos”, afirma Robson.

A construção coletiva foi outro aspecto importante do processo. “Trabalhamos em equipe, com cada membro desempenhando um papel fundamental dentro do projeto e nos desenvolvendo como líderes também”, destaca Laura Ferreira.

Projetos com potencial de aplicação

A experiência do PrevPasto também chamou a atenção da Bayer. Para Rafael Polvere, o grupo conseguiu transformar uma necessidade concreta do campo em uma solução visualizável pelo produtor. “Os cinco projetos que foram apresentados foram muito bons e virariam muito um modelo de negócio. O destaque para o PrevPato foi por eles conseguirem trazer um negócio muito palpável, com visualização para o produtor”, afirma o coordenador.

A capacidade de comunicação também foi percebida durante os pitches. “No pitch, eles trouxeram com muita leveza e facilidade o que estavam querendo vender de ideia, do projeto”, destaca Rafael.

Formação contínua

Ao longo dos cinco meses, os jovens ampliaram conhecimentos, desenvolveram habilidades e transformaram necessidades do campo em propostas de solução. Os seis jovens selecionados para a missão técnica terão a oportunidade de conhecer a Bayer, em São Paulo, e ampliar o contato com profissionais e lideranças da empresa. “O próximo passo agora é a missão técnica, que vai acontecer no início de novembro, onde viveremos a experiência de conhecer a Bayer, com expectativas altas para aprendermos mais ainda sobre liderança nessa imersão”, afirma Wanessa.

Para a jovem, o conhecimento também deve ser compartilhado com os demais participantes. “O ciclo nunca se encerra. Depois de tudo que aprendemos, cabe a nós repassarmos para nossos grupos, sendo agentes de mudança e propagação de todo o aprendizado que nos foi repassado”, completa.

Para a Bayer, a missão técnica dá continuidade ao processo de formação. “A gente vai levar os seis melhores para São Paulo, para ter uma imersão estratégica dentro da Bayer. Nesse momento, eles vão conhecer os diretores, vão conhecer pessoas extremamente importantes e que estão visando pelas lideranças do agronegócio quando a gente olha para Goiás”, explica Rafael.

Segundo a coordenadora do programa FAEG Jovem em Goiás, Tatiana Pontes, as experiências proporcionadas pela Academia também preparam os participantes para novos desafios e oportunidades ao longo de suas trajetórias. “A missão técnica amplia a visão dos jovens sobre o agro, fortalece suas competências e proporciona experiências que contribuem para que estejam mais preparados para futuras oportunidades de desenvolvimento e atuação profissional”, destaca Tatiana.

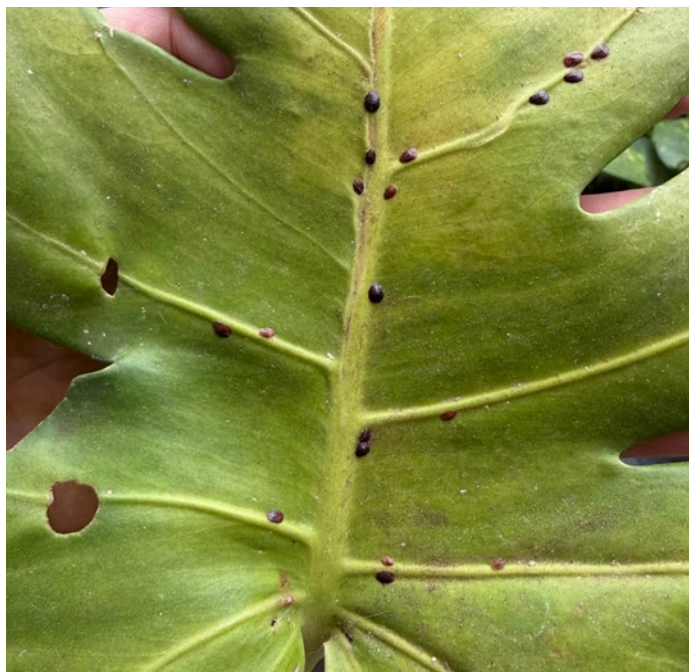


Projeto PrevPasto, vencedor do destaque, criou agente de inteligência artificial para auxiliar no manejo e na recuperação das pastagens

Divulgação

Infestação de pontos negros que secaram as plantas

Revana Oliveira | revana@sistemmafaeg.com.br



Divulgação



Divulgação

Envie suas dúvidas

A Revista Campo abre espaço para responder dúvidas dos nossos leitores sobre produção, cultivo, criação, ações do Sistema Faeg Senar, entre outros assuntos. Envie suas perguntas para o e-mail: revistacampogoias@gmail.com Participe!

As folhas da foto são de Costela-de-Adão e compõem um jardim interno suspenso com plantas ornamentais de sombra, que fica em uma empresa de Goiânia. Recentemente, pontos pretos começaram a aparecer em várias delas. A praga suga a folha até que elas sequem. Os funcionários, que são encantados com o paisagismo, perguntam:

Dúvida | qual é a maneira mais eficiente de salvar as plantas com o mínimo de transtorno possível?

Resposta | Os pontos escuros e rígidos fixados ao longo dos pecíolos e nervuras da planta são espécimes de cochonilha de carapaça (*Saissetia* spp.). Trata-se de insetos sugadores que perfuram a epiderme vegetal para se alimentar da seiva, fragilizando a folhagem até que ela seque e caia. Em ambientes corporativos fechados, a baixa umidade gerada pelo uso contínuo do ar-condicionado e a ausência de predadores naturais favorecem o avanço populacional dessa praga. A carapaça rígida do inseto funciona como uma blindagem protetora, o que torna as pulverizações superficiais comuns pouco eficientes.

Para resolver o problema sem gerar incômodos no ambiente de trabalho, o plano de ação deve ser executado em etapas simples. O primeiro passo consiste no manejo físico: faça uma poda sanitária para descartar as folhas secas ou muito comprometidas e limpe as hastes afetadas utilizando um pano macio ou algodão embebido em água com detergente neutro, removendo mecanicamente o excesso de carapaças.

Em seguida, aplica-se o controle por asfixia, uma alternativa limpa e segura para áreas internas. Pulverize sobre as hastes uma mistura de óleo mineral a 1% ou óleo de neem (com princípio ativo de azadiractina) combinado com sabão potássico. Esse produto cria uma película fina sobre o inseto que bloqueia seus poros respiratórios, levando-o à morte sem contaminar o ar do escritório. O ideal é realizar a aplicação ao final do expediente de sexta-feira, repetindo o processo semanalmente por três a quatro semanas.

Caso o jardim suspenso seja de difícil acesso ou a infestação persista, a solução definitiva e com zero contaminação aérea é o tratamento sistêmico via solo. Basta diluir um inseticida de uso doméstico à base de acetamiprido ou imidacloprido na água de irrigação e aplicar diretamente no substrato.

A raiz absorve o produto e o distribui por toda a seiva; ao sugá-la, a cochonilha ingere o ativo e morre. Para prevenir o retorno da praga, mantenha a adubação do jardim em dia, priorizando fertilizantes ricos em potássio e silício para enrijecer os tecidos vegetais.



Resposta enviada pela técnica de Campo do Senar Goiás, Clistiane Mendes.

Sementes de hortaliças amassadas e colocadas de molho nascem mais rápido?

Revana Oliveira | revana@sistematicaeg.com.br

A Anália Lúcia Batista, de Goiânia, cultiva uma horta caseira durante todo o ano. Um dos canteiros mais bonitos é o de coentro. Ela usa a técnica de quebrar a casca que envolve as sementes, coloca de molho e só então semeia. A Roberta Souza, vizinha dela, achou a técnica curiosa e pergunta: é mito ou verdade que isso funciona para que as plantas nasçam mais rápido e viçosas? Se sim, pode ser usada em quais outras hortaliças?



Verdade!

A técnica utilizada por Anália Lúcia pode ajudar o coentro a germinar mais rapidamente. Isso acontece porque as sementes de coentro possuem uma estrutura externa que pode dificultar a entrada de água. Quando ficam de molho, elas absorvem umidade e iniciam o processo de germinação. Já a quebra ou leve esmagamento das sementes ajuda a separar essa estrutura e facilita ainda mais a absorção de água.

Mas existe um detalhe importante: as sementes não devem ser esmagadas com força nem danificadas. O ideal é fazer uma quebra leve, apenas para separar as duas partes da semente. Se o embrião for machucado, a germinação pode ser prejudicada.

Depois de hidratadas e preparadas, as sementes devem ser semeadas em solo úmido, mas sem excesso de água. Com temperatura adequada e umidade constante, o coentro tende a apresentar uma germinação mais uniforme e rápida.

E a técnica não é exclusiva do coentro. O molho das sementes pode ser utilizado em algumas outras hortaliças, principalmente naquelas que apresentam sementes com tegumento mais resistente ou que

demoram mais para iniciar a germinação. Dependendo da espécie, a hidratação prévia pode ajudar em culturas como cenoura, salsa, beterraba, acelga e algumas variedades de pimentas.

Cada hortaliça, porém, tem uma necessidade diferente. Por isso, deixar a semente de molho não é uma regra geral para todas as culturas. O tempo de hidratação e

a forma de preparo precisam ser adequados à espécie.

No caso do coentro, Anália descobriu, na prática, uma técnica que tem explicação agrônômica: água, temperatura adequada, solo bem preparado e uma semente em boas condições são fatores que fazem toda a diferença para transformar um pequeno grão em um canteiro cheio de folhas verdes.



Divulgação



Resposta enviada pela técnica de Campo do Senar Goiás, Clistiane Mendes.



Soja - 03 a 31/08/2026

Soja encerra agosto em alta, com risco climático nos EUA, compras chinesas e mercado brasileiro firme

Em agosto, a soja começou pressionada em Chicago pela expectativa de grande safra norte-americana. Segundo o USDA, porém, a piora nas condições das lavouras e as preocupações climáticas durante o enchimento dos grãos reduziram o potencial produtivo. A retomada das compras chinesas também sustentou o mercado, elevando as cotações ao fim do mês, com contratos longos acima de US\$ 13 por bushel.

No Brasil, os preços da soja permaneceram firmes em agosto, sustentados pela valorização do dólar, pelos prêmios de exportação e pela demanda externa. De acordo com a Conab e a Secex, os embarques alcançaram aproximadamente 9,8 milhões de toneladas, alta de 5% ante agosto de 2025. Nos portos, as cotações chegaram próximas de R\$ 150 por saca, refletindo o cenário internacional favorável.

Em Goiás, a soja disponível valorizou 12,12% em agosto, passando de R\$ 129,92 para R\$ 145,67. No balcão, a alta foi de 12,02%, enquanto o mercado futuro avançou 8,78%. O movimento refletiu a firmeza dos prêmios de exportação, a demanda externa e o câmbio, mantendo o mercado goiano sustentado durante o mês.

Gráfico 1 - Evolução no preço do contrato futuro de soja em agosto/26.

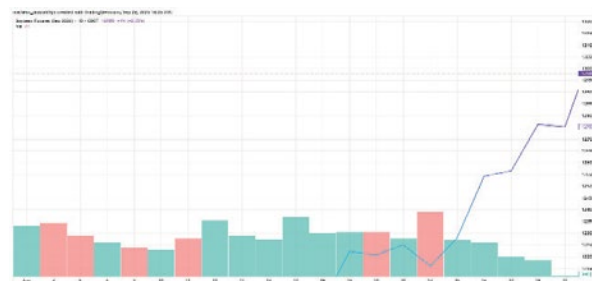


Tabela 1 - Variação dos preços médios da soja em Goiás em agosto/26.

Descrição	Valor 03/08	Valor 31/08	Diferença
Soja Disponível	R\$129,92	R\$145,67	+R\$15,75
Soja Balcão	R\$120,66	R\$135,16	+R\$14,50
Soja Futuro	R\$117,49	R\$127,81	+R\$10,32



Para setembro, o mercado acompanha clima nos Estados Unidos, avanço da colheita, compras chinesas, prêmios de exportação e câmbio, fatores que devem influenciar as cotações da soja e o mercado brasileiro.



Milho - 03 a 31/08/2026

Milho ganha força em agosto com suporte externo e demanda

Na Bolsa de Chicago (CBOT), o milho ganhou força ao longo de agosto, após um início pressionado. Até o fim do mês, as lavouras classificadas como boas ou excelentes recuaram para 57%, segundo o USDA. Além disso, o relatório do Pro Farmer apontou uma redução de 16 milhões de toneladas na estimativa da safra americana, aumentando as preocupações com a oferta e dando suporte às cotações. As tensões no Mar Negro também impactaram o mercado de grãos e contribuíram para aumentar a alta nos preços. Os contratos de set/26 e dez/26 acumularam valorizações de 16,89% e 15,86%, respectivamente.

No mercado interno, a demanda ganhou força, com compradores buscando recompor estoques e as exportações brasileiras acelerando ao longo do mês. Na B3, a valorização de Chicago e do câmbio contribuiu para a alta nos contratos, com o set/26 valorizando 1,82%, o nov/26 4,94% e o jan/27 4,66%. A oferta elevada da segunda safra limitou altas mais expressivas, enquanto a colheita avançou para 94% da área.

Em Goiás, as cotações acompanharam o movimento de valorização dos mercados. A colheita da safrinha entrou na reta final, alcançando 99% da área, restando apenas algumas lavouras plantadas fora da janela ideal, segundo a Conab.

Gráfico 1 - Evolução no preço do contrato futuro de milho em agosto/26.

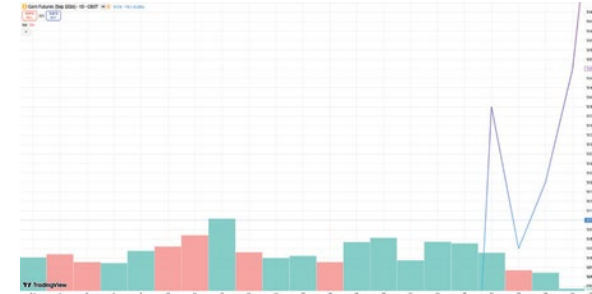


Tabela 1 - Variação do preço médio do milho em Goiás no mês de agosto de 2026.

Descrição	Valor 03/08	Valor 31/08	Diferença
Milho Balcão (Média Estado)	R\$51,52	R\$58,94	+R\$7,42
Milho Futuro (Média Estado)	R\$52,00	R\$58,00	+R\$6,00
Rio Verde	R\$51,00	R\$61,00	+R\$9,00



Para setembro, no exterior, o foco permanece nas condições e na colheita do milho nos EUA, enquanto que no Brasil, o aumento da demanda tanto interna quanto externa tendem a valorizar o preço da saca.



Arroba Ganha Sustentação com Oferta Restrita

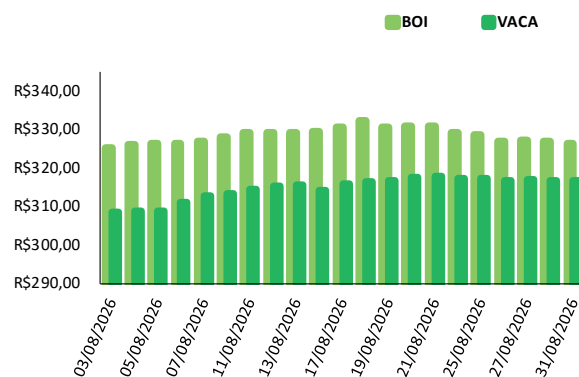
O mercado do boi gordo apresentou maior pressão ao longo de agosto, mas a oferta reduzida de animais terminados ajudou a limitar o movimento de baixa e sustentar os preços. Em Goiás, o boi gordo fechou o mês com média de R\$ 328,44/@, alta de 0,41%, enquanto a vaca gorda encerrou em R\$ 314,78/@, valorização de 2,63%. Os negócios foram pontuais e concentrados na necessidade de completar as escalas, com os frigoríficos mantendo os níveis de compra ou testando valores menores, diante da resistência dos pecuaristas.

No mercado físico, os preços do boi gordo permaneceram mais estáveis no decorrer do mês. A oferta restrita dificultou a composição das escalas de abate pela indústria, limitando a pressão sobre a arroba. O indicador DATAGRO SP encerrou agosto em R\$ 345,77/@, com queda de 0,20%.

Nas exportações de carne bovina in natura, o volume embarcado recuou para 195 mil toneladas, queda de 27,1% em relação a agosto de 2025, em um cenário de menor participação da China nas compras. Apesar da retração no volume, o preço médio avançou 10,1%, alcançando US\$ 6.165,70 por tonelada.

Para setembro, a oferta limitada de animais terminados e a postura firme dos pecuaristas tendem a continuar dando sustentação aos preços. No mercado futuro, a B3 começa a apresentar expectativas mais positivas para os próximos meses, enquanto o ritmo das exportações e a disponibilidade de boiadas serão determinantes para os próximos movimentos da arroba.

PREÇO MÉDIO BOI GORDO E VACA GORDA À VISTA EM GOIÁS R\$/@



FONTE: IFAG



Oferta elevada mantém pressão no mercado interno

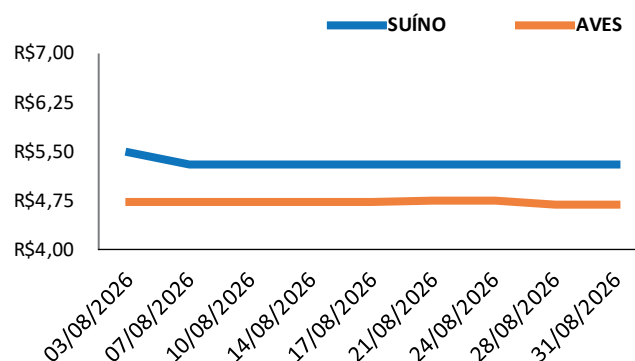
Em agosto, a avicultura de corte permaneceu pressionada no mercado interno, diante do excesso de oferta e do desequilíbrio entre produção e consumo. O cenário levou à redução dos preços de diferentes cortes no atacado e a movimentos distintos nas cotações do frango vivo entre as principais regiões produtoras. Em Goiás, o frango vivo foi cotado a R\$ 4,73/kg, queda de 1,05% no mês.

Na suinocultura, o cenário também foi de baixa. O suíno vivo encerrou agosto em R\$ 5,32/kg, recuo de 3,64%. Além da demanda enfraquecida, a oferta elevada de carne suína no mercado interno contribuiu para pressionar as cotações. Segundo o Cepea, agosto registrou a segunda maior produção de carne suína do ano, atrás apenas de julho, ampliando a disponibilidade no mercado doméstico.

Apesar da pressão interna, as exportações mantiveram desempenho favorável para os dois setores. Os embarques de carne de frango somaram 457,9 mil toneladas, alta de 22,6% frente a agosto de 2025. Na carne suína, foram exportadas 114,6 mil toneladas, avanço de 6,6% na comparação anual.

Para setembro, o mercado externo continua sendo um importante suporte aos setores, enquanto, no mercado interno, a evolução da demanda e o nível de oferta serão fundamentais para definir o comportamento dos preços.

PREÇO MÉDIO SUÍNO E FRANGO VIVO EM GOIÁS R\$/KG



FONTE: IFAG; AGROLINK



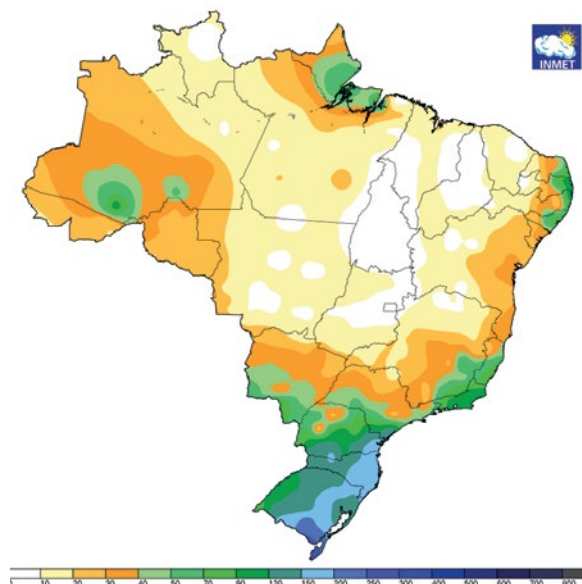
Agosto intensifica o calor e a restrição hídrica em Goiás

Em agosto, o clima em Goiás foi marcado pela intensificação das condições típicas da estação seca, com predomínio de tempo firme, baixa nebulosidade, elevada insolação e baixos índices de umidade relativa do ar, segundo o CEMPA Cerrado. O mês também registrou episódios de calor intenso, com destaque para os dias 10 e 31, quando foram observadas temperaturas excepcionalmente elevadas em diferentes regiões do estado.

No campo, o tempo seco favoreceu o avanço das colheitas de milho 2ª safra, algodão, feijão e trigo, conforme acompanhamento da CONAB. A baixa umidade dos grãos acelerou a colheita do milho, enquanto o feijão apresentou boa qualidade com as condições favoráveis à maturação e secagem. No algodão, as operações avançaram nas principais regiões produtoras, e o trigo irrigado entrou nas fases de pré-colheita e colheita. Já no hortifrúti, o calor intenso e a baixa umidade aumentaram a sensibilidade das culturas ao estresse hídrico e térmico, exigindo maior atenção à irrigação.

Para setembro, a tendência indicada pelo INMET é de continuidade das condições mais secas, com chuvas abaixo da média e temperaturas acima da média histórica. O cenário pode intensificar o déficit hídrico, principalmente no norte e nordeste de Goiás, onde os déficits podem ultrapassar 130 mm e o armazenamento de água no solo permanecer abaixo de 20% da capacidade disponível. Essas condições exigem atenção às pastagens, aos recursos hídricos utilizados na pecuária e às áreas agrícolas que ainda dependem de irrigação ou aguardam o retorno mais regular das chuvas para o estabelecimento da próxima safra.

Figura 1. Precipitação acumulada em julho.



FONTE: INMET



Mercado de hortifruti em Goiás apresenta movimentos distintos de preços em agosto

Em agosto, o mercado de hortifruti em Goiás apresentou comportamentos distintos. As cotações refletiram o volume ofertado, as condições climáticas e o ritmo das colheitas. A maior disponibilidade de produtos goianos pressionou alguns preços, enquanto a oferta restrita sustentou as cotações de outros itens comercializados na Ceasa-GO.

A melancia apresentou pressão sobre os preços em agosto, devido ao aumento da oferta goiana. Ceres, com destaque para Uruana, foi a principal origem destinada às Ceasas. Mesmo com temperaturas elevadas, as cotações recuaram, encerrando o mês abaixo de R\$ 1,00/kg para o produtor, segundo o Hortifruti/Cepea.

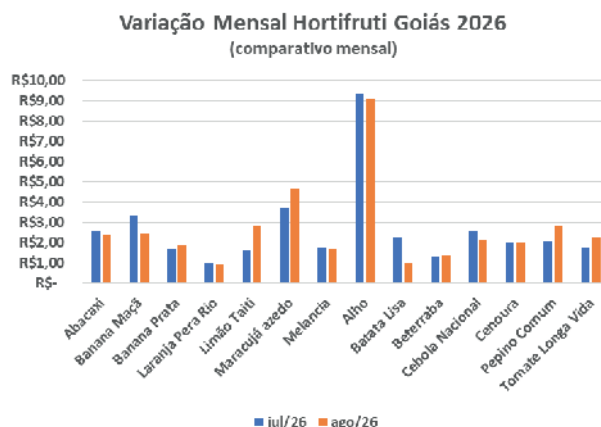
A batata e a cebola também foram influenciadas pelo aumento da oferta. Goiás respondeu por 9% do abastecimento de batata e 27,8% da comercialização de cebola na Ceasa analisadas pela Conab. O maior volume disponível contribuiu para ampliar a oferta nos mercados consumidores, aumentando a pressão sobre as cotações.

No grupo das frutas, banana, laranja e mamão apresentaram comportamentos distintos ao longo de agosto. As variações estiveram relacionadas principalmente à disponibilidade de cada produto e às condições de comercialização, resultando em movimentos diferentes nas cotações ao longo do mês.

Para setembro, o mercado goiano dependerá da oferta, do clima e do ritmo de comercialização na Ceasa-GO. A melancia deve

manter oferta elevada em Goiás e Tocantins, limitando a recuperação dos preços. Nos demais produtos, variações no abastecimento poderão provocar comportamentos distintos entre as cotações.

Gráfico 1 – Comparação dos preços médios entre julho e agosto de 2026.



Fonte: CEASA-GO;
ELABORAÇÃO: IFAG



Araguapaz, 2024

- ✓ 2 caixas de leite condensado
- ✓ 6 unidades de ovos
- ✓ 5 unidades de paçocas de amendoim
- ✓ 20 colheres de de sopa açúcar
- ✓ 100 mL de água
- ✓ 400 mL de leite

No liquidificador, coloque o leite condensado, os ovos, o leite e a paçoca e bata por 5 minutos. Na forma do pudim, derreta o açúcar e faça o caramelo. Despeje a mistura do liquidificador na forma e leve ao forno por aproximadamente 40 minutos. Sirva frio.

Tempo de preparo: 1h



“

Esse pudim é uma receita de família que vem sendo passada de geração para geração, para que se perpetue em nossas vidas! Uma receita muito lembrada em festas juninas e que amamos fazer nas festas da família, pois gostamos de mostrar para as pessoas!

“



Refresco de abacaxi com água de coco, hortelã e gengibre

Miranildes Garcia Teixeira de Carvalho, instrutora do Senar Goiás na área de identificação e processamento caseiro de plantas medicinais e escritora do Livro “Plantas Medicinais – O Ouro do Cerrado”. É, também, técnica em Enfermagem e especialista em cultivo e processamento de plantas medicinais pela Universidade Federal de Lavras (UFLA).



Para refrescar o corpo nos dias quentes e aproveitar os nutrientes das frutas e ervas, um suco gelado é sempre uma boa opção para a hidratação. Em Goiás, a chegada da primavera costuma trazer a combinação de temperaturas elevadas e períodos de baixa umidade do ar, especialmente em fases de estiagem. Para setembro de 2026, o Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet) indicou temperaturas médias de até 1,5 °C acima da climatologia em grande parte de

Goiás. O instituto mantém avisos de baixa umidade para áreas do Estado, com índices entre 20% e 12% em algumas localidades.

Nesse cenário, manter uma boa ingestão de líquidos é importante. E a velha mistura da cozinha brasileira pode ganhar um toque especial com frutas e ervas que, além de sabor, fornecem vitaminas, minerais e compostos bioativos. Uma receita simples que junta sabor, frescor e nutrientes importantes para os dias de calor: o

abacaxi fornece vitamina C e compostos bioativos; o gengibre acrescenta gingerol e shogaol, associados à ação antioxidante e ao apoio à resposta natural do organismo; a hortelã traz compostos fenólicos e óleos essenciais, além daquela sensação refrescante; e a água de coco contribui para a hidratação e fornece eletrólitos como potássio, magnésio e sódio.

A receita pode ser preparada e consumida bem gelada, preferencialmente logo após o preparo, como opção de bebida no café da manhã, no lanche da tarde ou depois de uma atividade física leve. Uma sugestão é preparar uma porção de aproximadamente 300 ml. Para quem transpira muito ou pratica exercícios sob temperaturas elevadas, a hidratação deve ser reforçada principalmente com água, de acordo com as necessidades individuais.

No calor, o melhor “remédio” continua sendo prevenção: água ao longo do dia, alimentação equilibrada, frutas, proteção contra o sol e atenção aos sinais de desidratação.

Ingredientes

3 rodelas de abacaxi fresco
200 ml de água de coco
5 folhas de hortelã fresca
1 pedaço de gengibre fresco — aproximadamente 1 a 2 cm
Gelo a gosto
Água filtrada, se necessário, para ajustar a consistência

Modo de preparo

Corte o abacaxi em cubos e coloque no liquidificador. Acrescente a água de coco, as folhas de hortelã e o gengibre. Bata até obter uma mistura homogênea. Adicione gelo e bata rapidamente ou coloque-o diretamente no copo. Prefira consumir sem coar e sem acrescentar açúcar, preservando melhor as fibras da fruta.



Atenção: É importante ter um cuidado: apesar de seus nutrientes e compostos bioativos, esse refresco não deve ser considerado medicamento nem substitui tratamento médico. Pessoas com doença renal ou que precisam controlar a ingestão de potássio devem conversar com um profissional de saúde antes de consumir grandes quantidades de água de coco.

CURSO GRATUITO E ONLINE

Prevenção e Controle do Fogo na Agricultura

20 horas para aprender a
proteger o que você levou
anos para construir

Matricule-se agora: ead.senargo.org.br



O SISTEMA FAEG/SENAR ESTARÁ NA

FICCA GOIÁS 2026

FEIRA DE NEGÓCIOS E OPORTUNIDADES

COM INOVAÇÃO, CONHECIMENTO E NETWORKING, VOCÊ É
NOSSO CONVIDADO PARA CURTIR TODA A PROGRAMAÇÃO E
VIVER O MELHOR DO AGRO!

DE 27 A 29 DE OUTUBRO



SENAR
Goiás



**FAEG
IFAG
SINDICATO RURAL**